

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação Física**



**Dissertação**

**LAZER, VIOLÊNCIA E ESTIGMA:  
ESTUDO DOS JOVENS DO VILA IPÊ**

**Liliane Nobre Lima**

Pelotas, 2010

**LILIANE NOBRE LIMA**

**LAZER, VIOLÊNCIA E ESTIGMA:  
ESTUDO DOS JOVENS DO VILA IPÊ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências (área do conhecimento: Educação Física).

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo  
Co-orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizara Carolina Marin

Pelotas/RS, 2010

**Dados de catalogação Internacional na fonte:**  
(Bibliotecária Patrícia de Borba Pereira CRB10/1487)

L732I Lima, Liliane Nobre

Lazer, violência e estigma : estudos dos jovens do Vila do Ipê /  
Liliane Nobre Lima ; orientador Luiz Carlos Rigo; co-orientador Elizara  
Carolina Marin . – Pelotas : UFPel : ESEF, 2010.

108 p.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pos Graduação em  
Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade  
Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

1. Lazer 2. Estigma 3. Jovens I. Título II Rigo, Luiz Carlos  
III Marin, Elizara Carolina

CDD 616.89

**Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (ESEF/UFPel)

---

Profª Drª. Maristela da Silva Souza (CEFD/USFM)

---

Profª Drª. Denise Bussoletti (FAE/UFPel)

---

Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo (ESEF/UFPel)

*Ao meu pai, Eroni,  
com amor e saudade...*

## AGRADECIMENTOS

À todos os trabalhadores e trabalhadoras deste país que nos possibilitam a busca pelo conhecimento em uma universidade pública.

À minha família, meu pai, Eroni (*in memoriam*), minha mãe Delci, meu irmão José Edair, minha cunhada Janete e meu sobrinho Marcelo, por mesmo na distância, sempre terem estado ao meu lado, sendo o meu apoio e a minha segurança em todos os momentos.

Aos grandes amigos, Ecléa Vanessa Baccin e Vilmar Both, pela amizade, companheirismo, estudos e desabafos, mas principalmente pelo exemplo de convívio e luta coletiva. Vocês foram imprescindíveis desde o primeiro instante.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo, pela oportunidade de convivência e trabalho, mas principalmente pelas orientações e pela compreensão em alguns momentos.

À minha co-orientadora, Professora Elizara Carolina Marin, primeiramente pela nova possibilidade de trabalho conjunto, pela amizade e pelas significativas contribuições a este estudo.

Aos colegas de mestrado, em especial à Ângela Passos, à Priscila Postali e à Júlia Quintana pela convivência, amizade e reconhecimento.

À Banca Examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maristela da Silva Souza, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Bussoletti, Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valdelaíne da Rosa Mendes (qualificação), pelas contribuições que qualificaram este estudo.

Aos funcionários da ESEF, principalmente ao Giovane da Silva Lima e aos funcionários da Pós-graduação, Tiago Pail Nachtigall e Hélio Peres da Fonseca pela disponibilidade e auxílio constante.

À todos os participantes deste estudo, em especial aos jovens do loteamento Vila Ipê, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ruben Bento Alves, alunos, professores e funcionários que contribuíram para a construção desse estudo e para o meu crescimento pessoal.

Aos amigos e companheiros da Linha de Estudos Epistemológicos e Didáticos em Educação Física (LEEDEF) e do Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física (MNCR), pelo aprendizado e pelas lutas constantes que me fazem vislumbrar outra sociedade que não esta tão desigual.

À Escola Municipal de Ensino Fundamental José Protázio Soares de Souza, professores, alunos e funcionários, pelo apoio e compreensão.

Aos meus grandes e queridos amigos do Movimento de Cursilhos de Cristandade (MCC), pela força e apoio mesmo na ausência.

Aos grandes amigos e afilhados: Maria Cristina Zanini, Sidnei Lopes Jr, Maria Clarissa Zanini e Vinicius, principalmente por tornar a vida em Caxias algo mais familiar.

À Elisangela Pellini e Taiana Zaltron, pela convivência e amizade e pelos momentos de descontração que foram importantes para a conclusão desse trabalho.

À Alessandra Baldissera, pela convivência amigável, mas principalmente pela paciência e compreensão diária. Sem isso, seria muito mais difícil chegar até aqui.

Aos amigos e colegas de trabalho: Antonia Finkler, Délcio Cruz Junior, Roberta Magnani, Rafaela Girardelo e Sonia Negri, pelo carinho e desabafos diários.

À Susana Giacomelli Tavares, pela descoberta de uma grande amizade e por ter se tornado imprescindível no meu cotidiano. Obrigada pelo carinho, pela atenção e pelos momentos de descontração.

Aos amigos/irmãos: Daniel Minuzzi, Ricardo Pereira, Leonardo Capeletto, Jaqueline Copetti e Cristina Binotto, pela constante presença e força.

À todos, que de alguma forma contribuíram para a construção desse trabalho.

O conhecimento científico adquire, em Marx, o caráter de ferramenta a serviço da compreensão do mundo para sua transformação, transformação que deve ocorrer na direção que interessa àqueles que são os produtores reais da riqueza do homem - os trabalhadores – e que por sua própria condição histórica estão em antagonismo com os detentores dos meios de produção – os donos do capital. Por isso, o conhecimento comprometido com a transformação concreta do mundo, mas também com a transformação segundo os interesses e as necessidades de uma classe social, e a despeito da outra. Com essa concepção perde-se, com Marx, a expectativa de se produzir conhecimento neutro, conhecimento que serve igual e universalmente a todos, conhecimento que mantenha o mundo tal como é.

*(ANDERY; SÉRIO, 2003, p. 420)*

## AS CORES DO VILA IPÊ



Mais uma vez parte a Linha 027 em direção ao Vila Ipê. As placas indicam: devagar, mas às vezes é melhor até parar. Carros e caminhões passando, ambulâncias doentes transportando. Vejo as bandeiras tremulando e o ônibus vai descendo, subindo, dobrando. Nas paredes: escola de educação, material de construção, danças gaúchas e de salão e, ao lado, cuidado com o cão. Outra logo ali diz: Venha morar aqui, Solar dos Coqueiros. Mas não era Ipê? Mas o que é o Ipê? Ora, é um complexo de nove ou dez espécies com características mais ou menos semelhantes, com flores brancas, amarelas ou roxas. É isso o Ipê? Aquele que do alto se vê o *Canyon*? Com suas casas cada uma de uma cor, uma branca, outra preta, amarela, roxa, verde e azul como o céu que a pouco estava cinza, com nuvens escuras que acabaram de chover. Atrás, o contraste da placa da Randon, empresa líder nacional nos segmentos em que atua, referência em tecnologia e qualidade. Enquanto isso, no Ipê, das oitenta empresas prometidas só cinco não foram esquecidas. O ônibus vai chegando, as pessoas levantando, umas descendo outras entrando. Nas esquinas se lê: Rua das gaivotas, dos sabiás. Mas e o Ipê? Não é uma árvore? Sim, uma espécie de árvore que proporciona um belo espetáculo com sua linda floração, arborizando ruas em todo o país. Assim como as árvores, o bairro se aproxima. As crianças pra escola andando. Os jovens nas esquinas conversando. E ali, o contraste do asfalto preto, das árvores verdes, do Ipê amarelo, do céu azul e do sol avermelhado. Na chegada “oi profe”, “e aí”, ou um “bom dia” só pra servir. Sorrisos, olhares olhados, outros desviados. Ao descer a lomba até a escola percebo o horizonte atenuante coberto com olhares dos diferentes semblantes que povoam as ruas do Ipê: As crianças alegres com as faces

vermelhas de correr. As tranças, cabelos amarrados, bonés pra trás virados. Calças largas, outras curtas ou rasgadas. Pés descalços, chinelos “havainas” desgastados. E ao fundo vejo um descampado de terra meio avermelhado, com lugares parte gramados outros somente aterrados. Avisto também a escola que por fora é azul e por dentro multicolor, com as suas cores, crenças, raças, que se confundem, se interpelam, se enfrentam, afrontam, defrontam realidades iguais e diferentes. As mães lá fora a rondar e os filhos a escola encaminhar para crescerem dentro de uma educação que às vezes parece padrão, mas depois de muito pensar é preciso nela acreditar. Na rua a bola ainda rola, mas agora não é mais branca, e sim cor de couro cru, chutada muitas vezes por um pé nu. Crianças jogam “bulitas” outras soltam “pipas”. As bicicletas voam, os cachorros “acoam”, os gritos ecoam em um único som das ruas do Ipê. A chuva a pouco molhou o chão, a terra e a pedra se uniram como sabão que fazem escorregar quem por ela tentar passar, saltando sobre as poças que a água acumulada fez criar. Mesmo com tantas façanhas no Ipê, da violência é só o que se diz, esquecem do resto, principalmente do aprendiz, daquele que quer estudar e uma vida diferente almejar. Sim, é verdade que o vermelho às vezes mancha as ruas do Ipê. E que o branco faz muita gente boa se perder, mas não podemos esquecer o que isso também quer nos dizer. Pois o vermelho e o branco são reflexos de um verde e amarelo apagados. Que mesmo tendo por decreto transformado o Ipê em árvore símbolo do estado. Esquecem de conservar o nosso Ipê, bairro demasiado novo que pede ajuda a seu povo para também não morrer. Mas o que é o Ipê? Somente a árvore brasileira mais conhecida, mais cultivada e, sem dúvida nenhuma, a mais linda, que embeleza e dá colorido ao final do inverno? Ou mais do que isso. O Ipê é um bairro, com anseios, desejos, sonhos e ideais. Se diz em uma crença popular, que quando o ipê-amarelo floresce não vão ocorrer mais geadas. Mas será que nos dão o direito de desejar que o Ipê possa mesmo florescer? Que possamos sonhar e acreditar, mesmo sem termos muita condição de poder realizar. Com isso, eu só me pergunto: Cadê o Ipê do Vila, não podemos deixá-lo morrer, mesmo sendo ele uma espécie vulnerável quanto à ameaça de extinção. Precisamos ele proteger. E assim, ao entrar na linha 027 e sair da realidade do Ipê: novamente o asfalto preto, as árvores verdes, o Ipê amarelo, o céu azul e a vista do mais lindo por do sol de Caxias do Sul.

Liliane Nobre Lima

## Resumo

Lima, Liliane Nobre. **Lazer, violência e estigma: estudo dos jovens do Vila Ipê.** 2010. 109f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

Este trabalho tem como objetivo investigar a realidade dos jovens do loteamento Vila Ipê, suas opções de lazer e as influências causadas pelo estigma que foi construído de lugar violento. Para tanto, nos fundamentamos filosoficamente nos pressupostos metodológicos do Materialismo Histórico Dialético, orientados pelas sugestões de Triviños (2008) para o desenvolvimento de uma pesquisa na Linha Dialética, esboçado nos três momentos seguintes: a contemplação viva; a análise e a realidade concreta do fenômeno. Os instrumentos empregados foram: questionário com questões abertas, observação livre e entrevista semi-estruturada, tendo como sujeitos, jovens entre 14 e 19 anos, que residem no loteamento e estudam ou estudaram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ruben Bento Alves. Para concretizar este estudo, primeiramente, delimitamos a realidade e as peculiaridades do Vila Ipê no contexto de Caxias do Sul, demonstrando a importância de conhecer a sua dinâmica e o seu desenvolvimento. Além da formação e urbanização da comunidade, enfatizamos a Escola como referência e o lazer como carência, duas das suas singularidades. Neste contexto, buscamos o entendimento de um dos aspectos desta realidade, que se destaca de forma geral quando nos referimos ao Vila Ipê na sociedade caxiense, que é o estigma de violência que ele carrega. Após esta percepção apresentamos e analisamos a fala dos jovens, a partir dos dados obtidos no trabalho de campo, aonde eles demonstram como entendem a realidade aonde vivem. Para tanto, destacamos as seguintes categorias: “a percepção do Vila Ipê como lugar de moradia”, “as opções de lazer dos jovens no loteamento” e “o estigma de violência e seus desdobramentos”. A compreensão destas categorias acontece através da apreensão do aspecto geral do trabalho, que é o estigma de violência. A partir desta, entendemos a percepção que os jovens tem do local em que vivem, buscando parte deste cotidiano que são as opções de lazer, onde, além da descrição, questionamos quais as suas relações com a violência, aonde definimos sua contrariedade e apontamos para os reais desdobramentos que o estigma promove. Chegamos às considerações finais com o entendimento de que os jovens compreendem o processo de estigmatização do loteamento, porém este não se concretiza dentro da comunidade, pois apesar de carregar esta marca, os jovens demonstram gostar de viver no Vila Ipê, tendo um significativo vínculo com ele. Dessa forma, mesmo que as políticas públicas justifiquem a violência nas regiões periféricas a partir da falta, ou inexistência de opções de lazer, não constatamos esta evidencia, pois os jovens apesar das marcas sociais e da escassez de possibilidades, encontram estratégias para suprir essa carência, no entanto o estigma continua evidente na sociedade. Assim, encontramos alguns dos seus desdobramentos, principalmente quando fora do loteamento, os jovens encontram-se em situação escolar ou laborais.

**Palavras-chave:** Lazer, estigma, jovens, violência.

## Abstract

Lima, Liliâne Nobre. **Lazer, violência e estigma: estudo dos jovens do Vila Ipê.** 2010. 109f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

This work aims to investigate the reality of young in Vila Ipê subdivision, leisure options and the influences caused by the stigma that was constructed violent place. For this, we have considered philosophically methodological assumptions of Historical Materialism Dialectic, guided by the suggestions of Triviños (2008) for the development of a research line in Dialectic, outlined in the following three stages: contemplation alive and the analysis and the concrete reality of the phenomenon. The instruments used were questionnaire with open, free observation and semi-structured interview, with the subjects, young people between 14 and 19 years residing in the subdivision and are studying or have studied at the at the School Hall Elementary School Ruben Bento Alves. To achieve this study, firstly, the delimit reality and the peculiarities of Vila Ipe in the context of Caxias do Sul, demonstrating the importance of understanding their dynamics and their development. Apart from training and urbanization of the community, we emphasize the school as a reference and leisure as deprivation, two of its singularities. In this context, we seek the understanding of one aspect of this reality, which stands out in a general way to refer to Vila Ipe caxiense in society, that violence is the stigma it carries. After this realization we present and analyze the speech of young people, from data obtained in field work, where they show how they understand the reality in which they live. or this, we highlight the following categories: "the perception of Vila Ipê as a place of residence", "leisure options for young people in allotment" and "stigma of violence and its consequences." The understanding of these categories is through the apprehension of the general appearance of the work, which is the stigma of violence. From this, we understand the perception that young people have of where they live, seeking part of everyday life that are the options of leisure, where, beyond description, which questioned its relationship with violence, where we define and point to his annoyance the actual developments that promotes stigma. We arrive at the final consideration with the understanding that young people understand the process of stigmatization of the subdivision, but this is not realized within the community, because in spite of having this mark, the young show like living in Vila Ipê, having a significant relationship with him. Thus, even if public policies justify violence in the border regions from the absence or lack of leisure options, we did not find this evidence, as the youth brand despite the social and shortages of opportunities, find strategies to overcome this deficiency , but the stigma remains evident in society. Thus, we find some of its consequences, especially when out of the subdivision, the young are in school or employment situation.

**Keywords:** Leisure, stigma, young, violence.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Vista de uma das ruas sem asfalto.....	34
Figura 2	Unidade Básica de Saúde Vila Ipê.....	35
Figura 3	Quadra esportiva da Escola.....	39
Figura 4	Vista panorâmica da Vila Ipê, tendo ao centro a faixa de linha de transmissão.....	45

## **LISTA DE SIGLAS**

**ACPMEN:** Associação Centro de Promoção do Menor Santa Fé

**BNH:** Banco Nacional de Habitação

**CBC:** Capital Brasileira da Cultura

**CEFD:** Centro de Educação Física e Desportos

**CIPAVE:** Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar

**CNESNet:** Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde

**CODECA:** Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul

**EPTE:** Engenharia e Planejamento em Transmissão

**FAS:** Fundação de Assistência Social

**FUNCAP:** Fundo da Casa Própria

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**OC:** Orçamento Comunitário

**OP:** Orçamento Participativo

**PERCS:** Penitenciária Regional de Caxias do Sul

**PIB:** Produto Interno Bruto

**PPV:** Programa de Prevenção da Violência

**PROCAP:** Programa de Capacitação Profissionalizante

**RECRIA:** Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul

**SMED:** Secretaria Municipal de Educação

**SMEL:** Secretaria Municipal de Esporte e Lazer

**SUI:** Sistema Único de Informação

**UBS:** Unidade Básica de Saúde

**VISATE:** Viação Santa Tereza

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
Os caminhos da investigação .....	19
Primeiro momento: A contemplação viva .....	20
Segundo momento: A análise .....	21
Terceiro momento: A realidade concreta .....	25
Organização do estudo .....	26
<b>1 A REALIDADE E AS PECULIARIDADES DO VILA IPÊ NO CONTEXTO DE CAXIAS DO SUL</b> .....	<b>28</b>
1.1 Caxias do Sul: Prosperidade e desigualdade .....	28
1.2 A formação do loteamento .....	31
1.3 A urbanização do Vila Ipê .....	33
1.4 A Escola como referência .....	39
1.5 O lazer como carência .....	43
<b>2 COMPREENDENDO O ESTIGMA DE VIOLÊNCIA DO LOTEAMENTO</b> .....	<b>50</b>
2.1 Conceituando estigma .....	50
2.2 Conceituando violência .....	52
2.3 Breves considerações sobre a gênese da violência .....	54
2.4 Os números da Violência .....	55
2.5 O Jornal Pioneiro irradiando um estigma .....	58
2.6 A Violência com e no Vila Ipê .....	63
<b>3 O VIVER NO LOTEAMENTO VILA IPÊ: A FALA DOS JOVENS</b> .....	<b>68</b>
3.1 Os participantes da pesquisa e os instrumentos utilizados .....	68
3.2 Análise dos dados .....	70
3.2.1 A percepção do Vila Ipê como lugar de moradia .....	70

3.2.2 As opções de lazer dos jovens no loteamento .....	74
3.2.3 O estigma de violência e seus desdobramentos .....	82
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>99</b>
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	100
APÊNDICE B – Questionário aplicado aos jovens do loteamento Vila Ipê .....	102
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista para os jovens do loteamento Vila Ipê .....	104
<b>ANEXOS .....</b>	<b>106</b>
ANEXO A: Mapa do loteamento Vila Ipê.....	107

## INTRODUÇÃO

“Em toda a ciência, o difícil é o começo”

Karl Marx

No transcurso dos 100 anos em que Caxias do Sul deixa de ser Vila e se torna cidade, e a chegada do trem assinala o início da expansão econômica no município, apresentamos alguns aspectos do seu cotidiano. Em um âmbito de prosperidade e riqueza, apontamos para algumas contradições decorrentes do atual sistema econômico.

A desigualdade social e a pobreza que são fatores resultantes do modelo capitalista, permeiam consideravelmente a maior cidade do interior do Rio Grande do Sul, principalmente em suas regiões periféricas. Neste sentido, destacamos a Zona Norte, uma das mais pobres da cidade, como um dos principais focos destas circunstâncias. Com isso, trazemos a cena o Vila Ipê, um loteamento situado nesta região e que aparece como aspecto particular deste estudo.

Esta comunidade apresenta algumas peculiaridades e problemáticas que são centrais para a sua compreensão. Dentre elas, enfatizamos a principal: a violência. A apreensão deste fator torna-se imprescindível para o entendimento do Vila Ipê, pois se trata de um estigma carregado pelos seus moradores, porém construído e corroborado pela sociedade caxiense.

Entre os que mais sentem os efeitos desta associação com a violência recebida pela comunidade, estão os jovens. Esta afirmativa justifica-se por estes se encontrarem na fase transitória para a vida adulta e no intermédio entre o morar no Vila e o sair sistematicamente dele. É importante esclarecer que a sua saída do loteamento não tem como causa primeira a violência, ou as suas marcas, mas sim aspectos do seu cotidiano como os estudos e o trabalho.

Quando apresenta como objetivo os estudos, esta ocorre pelo fato de o Vila Ipê não ter uma escola de ensino médio em funcionamento, o que traz a necessidade de os jovens buscarem outros bairros para darem continuidade a sua formação. Outro motivo, que por vezes ocorre concomitante ao anterior, é a busca pelo mercado de trabalho, que em jovens de famílias privilegiadas pode ser adiada,

porém quando se trata daqueles de extratos sociais desfavorecidos é antecipada. Vale assinalar que o primeiro motivo, o escolar, não raramente é abandonado em função da necessidade do segundo, o laboral.

Em geral, quando pensamos em jovens, é comum vir à mente questões como, irresponsabilidade, drogadição, delinqüência, entre outros aspectos depreciativos. No entanto, o seu dia a dia comporta também, outras características autênticas, entre as quais está a importância que eles atribuem às suas aspirações e interesses, onde destacamos: a escola, a convivência com a família, os amigos e o lazer, considerado fator preponderante para eles.

Esse cotidiano que envolve muitos nexos e meandros torna-se um campo de interesse investigativo, tendo em vista as diferentes possibilidades de apreensão deste. Portanto, realizamos um estudo sobre os jovens do Vila Ipê e o seu cotidiano, problematizando o significado que o morar nesta realidade assume, tendo em vista o seu estigma de violento.

Como a violência permeia, de forma geral, o dia a dia no loteamento e influencia o que investigamos, buscamos primeiramente a sua compreensão. A partir desta, conhecemos a realidade dos jovens, e qual percepção eles têm do lugar em que vivem, adentrando um dos aspectos desta realidade que é o lazer. Para tanto, além de conhecermos suas opções, procuramos desmistificar a hipótese de que, isoladamente, as atividades de lazer seriam suficientes para a erradicação da violência.

A discussão sobre o lazer na relação com a violência assume um dos principais focos desta pesquisa, uma vez que o discurso hegemônico advindo tanto do senso comum, quanto das propostas de políticas públicas, evidenciam o lazer como capaz de reduzir a violência e retirar os jovens das drogas. Tal discurso escamoteia a raiz da violência, que são as contradições geradas pela desigualdade social.

Nesse sentido, percebemos a necessidade de realizarmos a análise do Vila Ipê, em especial dos jovens, para além daquilo que recebe maior visibilidade: a violência que os estigmatiza. Contudo, entendemos que da mesma forma que se exacerba fatores como a violência, se ocultam outros tantos, entre os quais se destaca a falta ou a escassa estrutura urbana. Com isso, ao mesmo tempo que pretendemos proporcionar a compreensão da realidade social a qual estão

inseridos, também apontamos para o descaso que existe com esta comunidade, que é constatada por todos aqueles que conhecem e/ou vivem no Vila.

Situado neste contexto objetivamos *Investigar a realidade dos jovens no loteamento Vila Ipê, suas opções de lazer e as influências causadas pelo estigma que foi construído de lugar violento*. Mais especificamente, investigar a realidade do loteamento Vila Ipê e dos jovens que vivem nele; compreender o estigma de violência que foi construído sobre o loteamento; identificar as opções de lazer dos Jovens do Vila Ipê; e analisar as relações entre o viver dos jovens no Vila Ipê e o estigma que foi construído sobre ele, de lugar violento.

Com a clareza do que almejamos para este estudo, partimos para a sua construção sistemática.

### **Os caminhos da investigação**

Com a pretensão de concretizar os objetivos propostos, apresentamos os caminhos escolhidos para construir esta investigação. Para tanto, nos fundamentamos filosoficamente nos pressupostos metodológicos do Materialismo Histórico Dialético. Esta denominação da Teoria Marxista articula dois conjuntos de conhecimentos.

O materialismo dialético que “é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento” (TRIVIÑOS, 2008, p.51). E o materialismo histórico que “é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade” (TRIVIÑOS, 2008, p.51).

Com este método, compreendemos que

o conhecimento não se produz, portanto, a partir de um simples reflexo do fenômeno, tal como este aparece para o homem; o conhecimento tem que desvendar, no fenômeno, aquilo que lhe é constitutivo e que é em princípio obscuro; o método para a produção desse conhecimento assume, assim, um caráter fundamental: deve permitir que se descubra por trás da aparência o fenômeno tal como é realmente, e mais, o que determina, inclusive, que ele apareça da forma como o faz (ANDERY; SÉRIO, 2003, p. 413).

A partir dessa base filosófica, desenvolvemos o estudo sob a orientação de alguns princípios da etnografia contemporânea, especialmente no que se refere aos procedimentos metodológicos que utilizamos para investigar, que foram: as observações, as entrevistas, a análise de documentos e todo o trabalho de campo.

Conforme Triviños (2008, p. 121), a etnografia “[...] baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade”, sendo assim, os princípios etnográficos utilizados foram fundamentais para darmos conta das relações e conexões apresentadas pela realidade pesquisada.

Para a construção deste trabalho, também em coerência com o pressuposto no qual nos fundamentamos, utilizamos para orientar o conhecimento do objeto, as sugestões de Triviños (2008) que propõe um procedimento geral para o desenvolvimento de uma pesquisa na Linha Dialética, esboçado nos três momentos seguintes:

### **Primeiro momento: A contemplação viva**

É a etapa inicial do estudo. Nela se estabelece a singularidade da “coisa”, de que esta existe, que é diferente de outros fenômenos. Realizam-se as primeiras reuniões de materiais, de informações, fundamentalmente através de observações e análise de documentos (dispositivos legais, diretrizes, dados estatísticos). Identificam-se as características principais do objeto. [...] O objeto é assim captado em sua qualidade geral (TRIVIÑOS, 2008, p.73-74).

Neste sentido, procuramos esclarecer alguns aspectos do processo inicial de aproximação com o fenômeno. Como inferência primeira, apontamos o contato da pesquisadora com o Vila Ipê, que aconteceu através da atuação profissional desta na função de professora na escola da comunidade, no período de outubro de 2006 a fevereiro de 2009. Durante este espaço de tempo, houve a possibilidade de através da permanência de em torno de 8 horas diárias, durante 5 a 6 dias por semana no Vila, conhecer algumas de suas singularidades.

A partir deste contato inicial, identificamos alguns problemas que aos poucos foram tornando-se mais aparentes e que sentimos a necessidade de investigar. Após termos definido o tema, estabelecemos os parâmetros para compreendê-lo, construindo os objetivos da investigação e como iríamos metodologicamente dar conta dela.

Dessa forma, percebemos as relações e conexões com a realidade objetiva, aonde aos poucos foram sendo definidos os caminhos do estudo e as suas possibilidades de construção. Começamos então a dialogar com pessoas da comunidade em geral e com alunos/alunas e professores/professoras da escola, procurando perceber melhor alguns dos aspectos que se salientavam e que nos davam maior convicção em realizar o estudo. Um deles, que se destacou neste momento foi à percepção que pessoas externas ao loteamento tinham e têm dele, tendo um discurso áspero e demonstrando muitas vezes desprezo e repúdio.

A proximidade com os jovens, através da escola, trouxe, a partir de alguns diálogos, a necessidade de entendimento das suas relações com o Vila, sendo estas, como é viver no loteamento e que influência o estigma social de violência trás para a sua vida.

E com a imersão na realidade a ser estudada e a definição do caminho a seguir, realizamos a coleta dos dados, o trabalho de campo propriamente dito, tornando-se relevante enfatizar como nos diz Minayo (2007, p.63) que não existe um trabalho de campo neutro, e que,

a forma de realizá-lo revela as preocupações científicas dos pesquisadores que selecionam tanto os fatos a serem observados, coletados e compreendidos como o modo como vai reconhecê-los. Esse cuidado é necessário porque o campo da pesquisa social não é transparente e tanto o pesquisador como os interlocutores e observados interferem no conhecimento da realidade. Essa interferência faz parte da própria natureza da pesquisa social que nunca é neutra.

Com um posicionamento definido, partimos para o momento seguinte do nosso estudo.

## **Segundo momento: A análise**

Isto é, a penetração na dimensão abstrata do mesmo. Observam-se os elementos ou partes que o integram. Estabelecem-se as relações sóciohistóricas do fenômeno. Elaboram-se juízos, raciocínios, conceitos sobre o objeto. Aprecia-se sua situação no tempo e no espaço. [...] Elaboram-se e aplicam-se diferentes tipos de instrumentos para reunir informações (questionários, entrevistas, observações, etc.). Determinam-se os traços quantitativos do fenômeno (TRIVIÑOS, 2008, p.74).

Com esta compreensão, foram elaborados e aplicados os instrumentos que guiaram o estudo, sendo eles: um questionário aberto, que direcionou o início do estudo; a observação livre, registrada em diário de campo; a entrevista semi-

estruturada, direcionada aos jovens, assim como o mapeamento e a seleção das matérias produzidas pelo Jornal Pioneiro de Caxias do Sul – RS, sobre o loteamento Vila Ipê. Além da pesquisa bibliográfica que compõe tal estudo.

Primeiramente utilizamos um questionário com seis questões abertas (Ver apêndice B), como parte do momento de sondagem sistematizada do estudo. Triviños (2008, p. 171) diz que a aplicação deste tipo de instrumento “[...] exige do pesquisador uma atividade prévia de contato com o meio no qual se realizará o estudo [...]”. Com esta condição, delimitamos como sujeitos da pesquisa os jovens que freqüentavam no ano letivo de 2008 a 8ª série do Ensino Fundamental na Escola Municipal Ruben Bento Alves, sendo que na época estes tinham idades entre 14 e 19 anos.

O objetivo da utilização deste instrumento foi o de realizar um mapeamento de algumas questões para podermos dar o primeiro passo na construção desta investigação, fornecendo subsídios para compor a realidade do loteamento. Neste sentido, procuramos dar dois focos para as questões, ou seja, a descrição do Vila Ipê, aonde pretendíamos perceber como estes jovens percebem o local aonde moram e as condições de lazer dos jovens no loteamento (espaços e atividades/opções), pois no contato diário com os jovens este fator sempre foi citado como uma das carências do Vila.

É importante destacarmos, que o resultado do questionário, deu origem a algumas questões de entrevista, contribuindo também na sistematização das observações. Segundo Triviños (2008, p. 171) “[...] as respostas dos questionários devem ser conhecidas e interpretadas, antes da aplicação dos outros instrumentos”. Portanto, após estas definições partimos para a utilização dos outros recursos da pesquisa.

Para a observação livre, foi relevante ter um roteiro de dias da semana e horários, procurando diversificá-los, para passar algum tempo observando e anotando em diário de campo as atividades dos jovens, extraindo informações importantes acerca de fatores sociais e organizacionais das suas rotinas e/ou práticas esporádicas. Porém, foi importante ter a clareza de que “observar”, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é

[...] destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho, etc.). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro

lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. (TRIVIÑOS, 2008, p. 153).

Com esta compreensão, primeiramente realizamos observações amplas, onde procuramos perceber de forma geral, sendo importante realizar algumas panorâmicas. Após conhecimento destes dados, passamos a realizá-las de forma sistemática e focalizada em determinados pontos do Vila. Neste caso, optamos por dois locais: a esquina da Avenida Antônio Andrigueti com a Rua dos Sabiás, onde se localiza o Centro Comunitário; e na frente de uma parada de ônibus na Rua das Andorinhas, ambos, não por coincidência ficam próximos à escola. Aqui destacamos a importância das anotações em diário de campo, e, neste sentido, ratificamos o que nos diz Minayo (2007), que o diário de campo é o principal instrumento de trabalho de observação, pois nele constituímos um arcabouço de informações que, além de retratar a realidade vivida, nos possibilitam a compreensão desta e das suas relações, proporcionando a apreensão da essência do fenômeno observado.

Com relação ao instrumento entrevista semi-estruturada, de acordo com Minayo (2007, p. 64) é uma classificação em que “[...] o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Este aspecto torna-se importante para a coleta de dados, pois entre uma questão e outra surgem comentários e observações, dando complemento as perguntas, por este motivo, optamos por desenvolver um roteiro prévio. No entanto as questões e respostas aconteciam de forma a criar um diálogo entre pesquisado e pesquisador.

Este instrumento foi aplicado para jovens da comunidade, e apresentava em sua formulação pré-categorias, sendo elas: o viver no Vila Ipê; a descrição do loteamento; a rotina no Vila Ipê; a Escola; as atividades de lazer; os espaços de lazer; a visão externa do loteamento e a violência. Após a elaboração do mesmo, foi realizada uma entrevista piloto como parte da validação deste, para fazer a verificação das questões e redefinir as pré-categorizações que partiram dos objetivos desta investigação. Neste caso, a entrevista, que deve ser um instrumento utilizado com grande cuidado por possibilitar a obtenção de informações muito valiosas para o estudo, em aspectos gerais é descrita por Triviños (2008, p. 146), como

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo a medida que se recebem as respostas do informante

As entrevistas nos possibilitaram a aquisição de dois tipos de dados, que Minayo (2007, p. 65) chama de primários e secundários, sendo os primários os “que são objetos principais da investigação qualitativa - referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia” e os secundários aqueles que se poderiam conseguir através de outras fontes, como documentos em geral.

Para o desenvolvimento das entrevistas, seguimos algumas condições práticas orientadas por Minayo (2007), que diz respeito a entrada do entrevistador em campo, sendo elas: a realização de apresentação, menção do interesse da pesquisa, apresentação de credencial institucional, explicação dos motivos da pesquisa, justificativa da escolha do entrevistado, garantia de anonimato e de sigilo e conversa inicial.

Neste sentido, realizamos o primeiro contato com os entrevistados, aonde foi estabelecido previamente, local e horário para a aplicação do instrumento, tendo esta, previsão de duração máxima de 60 minutos. Ao início da entrevista, passamos ao entrevistado uma ideia geral com relação ao objetivo do trabalho e da entrevista em questão, sendo que por tratar-se de entrevistados jovens foi necessária a aprovação dos pais e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Ver apêndice A), sendo que estas foram gravadas e seguidas de transcrição fidedigna.

Em outro momento, para dar conta de parte da realidade do estudo e para compreender o estigma que o bairro carrega, sentimos a necessidade de utilizar outras fontes de pesquisa que não somente livros, optando por realizar uma pesquisa no Jornal Pioneiro, periódico diário de Caxias do Sul – RS. Para tanto, foi realizada uma varredura de forma sistemática, com acompanhamento de um ano das publicações do Jornal, com relação a informações do loteamento, sendo esta, no período de agosto de 2008 a julho de 2009. Tal recorte temporal foi feito aleatoriamente.

Esta opção contribuiu para compreendermos a imagem que é construída pelo jornal e veiculada na sociedade caxiense sobre o Vila Ipê. Esse procedimento de pesquisa permitiu entender porque as pessoas que não conhecem fisicamente o

loteamento reiteram o estigma de violência, ou seja, através daquilo que é veiculado pela mídia.

A escolha do Jornal Pioneiro justifica-se por ele ter mais de 60 anos de tradição na serra gaúcha e de acordo com pesquisa do Instituto Methodus (2009) ser o 5º jornal mais lido no RS, ficando atrás somente dos leitores de Zero Hora, Diário Gaúcho, pessoas que não lêem jornal e do Correio do Povo, aonde se constatou que dentro da mesorregião nordeste, a qual Caxias pertence, 44% lêem o Pioneiro.

O acesso às matérias do Jornal Pioneiro foi realizado em sua versão *on line*, onde no link busca, foi digitado “Vila Ipê”, surgindo todos os artigos, notícias e chamadas publicadas sobre o loteamento, nas quais, das 313 edições sendo que as publicações de finais de semana (sábado e domingo) são editadas em um mesmo exemplar, totalizando 6 edições semanais, foram encontradas 82 referências ao Vila.

Para compor um banco de dados e facilitar o acesso às matérias, todas as menções ao loteamento foram retiradas na íntegra, compondo ficha com os seguintes dados: Título, responsável pelo conteúdo, data de veiculação, texto, imagem, data de acesso e endereço de disponibilidade. Após a obtenção destas informações foi realizada uma breve verificação, sendo apreciada quase que unicamente pelos títulos das reportagens, pois em sua maioria logo se identificava o trato da mesma. Com estes dados prosseguimos o nosso caminho investigativo.

### **Terceiro momento: A realidade concreta**

Isto significa estabelecer os aspectos essenciais do fenômeno, seu fundamento, sua realidade e possibilidades, seu conteúdo e sua forma, o que nele é singular e geral, o necessário e o contingente etc. para atingir a realidade concreta do fenômeno, realiza-se um estudo das informações, observações, experimentos, etc. (TRIVIÑOS, 2008, p.74).

Atentos a tais perspectivas, procuramos adentrar a realidade concreta deste estudo, partindo para a análise dos dados que obtivemos através dos procedimentos utilizados, confrontados com a produção do conhecimento com relação à temática. Com o material coletado, para compreendermos os aspectos determinantes do estudo, nos apropriamos do processo de estigmatização que a violência ganhou no loteamento e a partir desta realidade, procuramos entender o cotidiano dos jovens no Vila Ipê.

Para tanto, elegemos algumas categorias que foram se concretizando concomitantemente ao processo investigativo. Dessa forma, nos aproximamos dos

objetivos que balizam este estudo, obtendo a compreensão da realidade dos jovens no Vila Ipê, das suas opções de lazer e das influências causadas pelo estigma que foi construído sobre o loteamento de lugar violento.

### **Organização do estudo**

Com os referenciais já explicitados, optamos por sistematizar o nosso estudo agregando, além dos elementos que compõem um trabalho científico, capítulos e sub-capítulos considerados relevantes para a sua melhor compreensão.

No primeiro, delimitamos “*a realidade e as peculiaridades do Vila Ipê no contexto de Caxias do Sul*”, onde demonstramos a importância de conhecer a dinâmica e o desenvolvimento do loteamento para darmos início ao estudo. Neste sentido, apresentamos “*Caxias do Sul: Prosperidade e desigualdade*”, para além de elucidarmos, justificarmos esta contradição. Em seguida, adentramos a Vila Ipê, explicitando sobre a “*formação do loteamento*” e sobre algumas determinações históricas de sua “*urbanização*”, em que destacamos a infraestrutura e a realidade do loteamento. Por fim, enfatizamos “*a escola como referência*” e “*o lazer como carência*”, que aparecem como duas das peculiaridades da comunidade.

No segundo, que recebe o nome de “*Compreendendo o estigma de violência do loteamento*”, analisamos um dos aspectos desta realidade, que se destaca de forma geral quando nos referimos ao entendimento do Vila Ipê no contexto da sociedade caxiense. Para tanto, definimos por abranger alguns aspectos que nos levassem a apreender e esclarecer o tema violência e seu processo de estigmatização, que se caracteriza, principalmente, por sua complexidade de entendimento e diversidade de manifestações. Assim, apresentamos primeiramente algumas definições, “*conceituando estigma e violência*”, onde pretendemos situar a nossa compreensão sobre a temática.

Em seguida, fazemos “*breves considerações sobre a gênese da violência*”, destacando algumas questões históricas, e na sequência abordamos a questão, apresentando “*os números da violência*” em dados gerais, com o intuito de mostrar uma das formas mais comuns de apresentação da temática, na maioria das vezes, descontextualizada. Ao final do capítulo, com o auxílio de notícias do Vila Ipê, discorreremos sobre “*o Jornal Pioneiro irradiando um estigma*”, em que as informações vem da verificação da produção deste jornal com relação ao loteamento,

contribuindo para a compreensão do processo de estigmatização que o acomete, concluindo então, com a compreensão da “*violência com e no Vila Ipê*”.

No terceiro capítulo, inserimos “*o viver no loteamento Vila Ipê: a fala dos jovens*”, aonde demonstramos como os jovens moradores desta comunidade entendem a realidade aonde vivem. Para tanto, apresentamos e discutimos os dados obtidos no trabalho de campo, nas seguintes categorias: “*a percepção do Vila Ipê como lugar de moradia*”, “*as opções de lazer dos jovens no loteamento*” e “*o estigma de violência e seus desdobramentos*”.

A compreensão destas categorias acontece a partir da apreensão do estigma do loteamento, pois com isso podemos entender a percepção que os jovens têm do local em que vivem, buscando parte deste cotidiano que são as opções de lazer, as quais destacamos além da sua descrição, quais as suas relações com a violência, onde definimos sua contrariedade e apontamos para os reais desdobramentos que o estigma promove.

Por fim, chegamos às considerações finais que são as sínteses do nosso estudo investigativo. Através dos instrumentos utilizados, foi possível concluir que os jovens compreendem o processo de estigmatização no qual se encontra o loteamento. No entanto, estas marcas não se concretizam dentro da comunidade, os jovens moradores não entendem a violência de forma exacerbada. Essa premissa se justifica porque apesar de carregar esta marca de lugar violento, os jovens demonstram gostar de viver no Vila Ipê, tendo um significativo vínculo com ele. Dessa forma, mesmo que as políticas públicas justifiquem a violência nas regiões periféricas também pela falta ou inexistência de opções de lazer, não constatamos esta evidência, pois os jovens apesar das marcas sociais e da escassez de possibilidades, encontram estratégias para suprir essa carência, porém o estigma continua evidente na sociedade. Assim, encontramos alguns dos seus desdobramentos, principalmente, quando fora do loteamento os jovens encontram-se em situação escolar ou laborais.

# 1 A REALIDADE E AS PECULIARIDADES DO VILA IPÊ NO CONTEXTO DE CAXIAS DO SUL

Quando o homem estiver compreendido na estrutura da realidade e a realidade for entendida como totalidade de natureza e história, serão criados os pressupostos para a solução da problemática filosófica do homem. Se a realidade é incompleta sem o homem, também o homem é igualmente fragmentário sem a realidade (KOSIK, 1976, p.248).

Neste momento, situaremos o Vila Ipê no contexto de Caxias do Sul, destacando alguns aspectos, que se tornaram relevantes no processo de contemplação e análise do fenômeno estudado. Neste processo trataremos, o entendimento da cidade com suas peculiaridades, para em seguida destacarmos algumas questões referentes a urbanização e infraestrutura do loteamento, partindo para dois fatores que se salientaram no decorrer de todo o processo investigativo: a escola como referência e o lazer como carência. Com estes apontamentos, acreditamos dar conta de parte da sua realidade objetiva.

## 1.1 Caxias do Sul: Prosperidade e desigualdade

Situada na bela região da serra gaúcha, berço da colonização italiana, é hoje pólo centralizador da área mais diversificada do país. O seu traço identitário é o cultivo da videira a qual está entre os grandes produtores; a produção do vinho, como 3º maior fabricante no Brasil; o variado parque industrial, sendo o maior pólo metal-mecânico do Estado; um rico e dinâmico centro comercial e de serviços e em função da maior festa do Rio Grande do Sul, a “Festa Nacional da Uva”, é também referência em turismo (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 2009h).

Em 2008, a cidade conquistou o 1º lugar entre os municípios brasileiros no índice de Gestão Municipal em Cultura, sendo eleita a Capital Brasileira da Cultura,

deixando para trás cidades como Santos - SP em 2º lugar e Recife - PE em 4º lugar (CBC, 2009). Este aspecto certamente causa estranhamento, pois as cidades superadas nos índices constituem-se, historicamente, como centros turísticos e culturais do país. O título obtido através de pesquisa encomendada pelo Ministério da Cultura na análise dos investimentos e da administração, realizada pelas prefeituras na área da cultura, relaciona-se com o desenvolvimento econômico no qual Caxias está imersa.

Com população de pouco mais de 400 mil habitantes, segundo dados de 2007 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, apresenta entre suas características socioeconômicas, um Produto Interno Bruto - PIB de R\$ 8,1 milhões, equivalentes a 5,68% do PIB estadual e uma renda *per capita* de R\$ 20.485,00 que representa 150,4% da média do Estado e por esta condição, é o segundo centro financeiro gaúcho (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 2009h).

Estes dados que apontam para uma situação de riqueza e prosperidade, encobrem uma das evidências mais enfáticas de Caxias do Sul: a grande desigualdade social que assola a cidade. Com relação a esta constatação, Souza (2008, p. 05), nos diz que “[...] o modo de produção capitalista gera acumulação da riqueza na medida em que gera acumulação da pobreza, da miséria, da desigualdade social”. Apesar de os indicadores como a renda *per capita* e o PIB serem importantes registros de análises econômicas de determinado local, eles também disfarçam a discrepante distribuição de renda e a desigualdade social que tem suas raízes justamente no desenvolvimento econômico.

Esta desigualdade que aterra a sociedade tem como gênese o sistema econômico capitalista. Este sistema que origina as relações entre trabalho e capital, afirma também o caráter antagônico da sociedade em que, de um lado estão os donos do capital, e do outro, os que detêm a força de trabalho para gerar mais capital para os seus patrões. Andery e Sérgio (2003, p. 401) destacam que,

[...] para Marx, a base da sociedade, assim como a característica fundamental do homem, está no trabalho. É do e pelo trabalho que o homem se faz homem, constrói a sociedade, é pelo trabalho que o homem transforma a sociedade e faz história. O trabalho torna-se categoria essencial que lhe permite não apenas explicar o mundo e a sociedade, o passado e a constituição do homem, como lhe permite antever o futuro e propor uma prática transformadora ao homem, propor-lhe como tarefa construir uma nova sociedade.

Quando falamos em trabalho em Caxias, entre outros aspectos, o evidenciamos quando nos referimos aos motivos da grande migração, pois, em sua maioria, vem atrás do progresso econômico. A cidade, por ter um número significativo de empresas dos diversos ramos, contando com aproximadamente 150 mil postos de trabalho, acaba por atrair trabalhadores que saem das cidades de origem atrás de oportunidades.

Essa migração não raramente acontece de forma desestruturada e desordenada, pois as pessoas vêm para a colméia do trabalho como é lembrada, muitas vezes sem a garantia do emprego almejado e sem local de moradia. Este fato defronta uma realidade precária, pois ao buscarem se estabelecer na cidade, muitos acabam por fixar moradia em locais sem condições básicas de existência. Andrade (2010, p.23) justifica ainda que

esses migrantes foram direcionados para áreas periféricas em razão dos limitados recursos financeiros que dispunham. Essa situação marca o início dos cinturões de miséria, confrontando duas realidades sócio-econômicas: a sociedade dominante e os migrantes em área periféricas, dependentes.

Esses fatores destacam a marginalização sofrida pelos trabalhadores, pois a falta de condições para satisfazer as necessidades mínimas, leva-os à viver a margem da sociedade. Não queremos afirmar que esta é a única possibilidade da migração, mas é uma realidade que corrobora a desigualdade social a qual nos referimos.

No entanto, não é incomum ouvirmos que, em Caxias, não há falta de emprego em função do elevado número de oportunidades existentes no município. Esta condição laboral está relacionada à qualificação profissional exigida pela constante reconfiguração das demandas do mundo do trabalho. Antunes e Alves (2004, p. 347, grifos no original), destaca que com essa “[...] pela necessidade crescente de *qualificar-se melhor e preparar-se* mais para conseguir trabalho. Parte importante do “tempo livre” dos trabalhadores está crescentemente voltada para adquirir “empregabilidade” [...]”. E aqueles que não acompanham as evoluções do mercado, deixam muitas vagas ociosas que causam problemas sociais. Nestas condições encontramos pessoas desempregadas e em situação de subemprego.

Quando situamos Caxias e suas relações com o trabalho, encontramos suas raízes nas questões étnicas, em especial na imigração Italiana. Em 1875, quando começaram a chegar os primeiros Italianos, “estes imigrantes foram colocados na

Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, em terras impróprias ao pastoreio, gerando assim, núcleos de produção agrícola em forma de pequenas propriedades” (PINHEIRO, 2008, p. 28).

Os sobreviventes da travessia do atlântico foram alocados nas terras mais altas, conseqüentemente acidentadas, pois as áreas baixas já estavam ocupadas pelos alemães. Com as dificuldades e privações sofridas neste processo, o sonho de “fazer a América” era logo esquecido, pois os imigrantes precisavam desbravar as terras e trabalhar exaustivamente para poder sobreviver. Inicialmente a agricultura era o principal meio de subsistência, agregando aos poucos, pequenas fábricas e comércios, sendo ampliado até o que podemos perceber hoje.

O discurso da prosperidade evidencia-se no dia a dia da cidade, gerando semanalmente a chegada de inúmeras famílias que se alocam especialmente nas regiões periféricas da cidade, onde destacamos a Zona Norte, região em que se situa o loteamento Vila Ipê.

## **1.2 A formação do loteamento**

Embora as cidades sejam constituídas por bairros e loteamentos, estes são praticamente excluídos da história oficial, sendo registrado apenas na memória dos seus moradores. Esta é uma das dificuldades que encontramos para obter informações sobre o Vila Ipê, pois de acordo com Machado (2001, p. 138), “a questão dos bairros e loteamentos em Caxias do Sul, exceção feita aos dois primeiros, é muito complexa e carente de documentação que permita resgatar a sua história [...]”. Portanto, com o intuito também de contribuir para esse resgate, procuramos situar o Vila Ipê no contexto da cidade.

Para começarmos a discorrer sobre ele, faz-se necessário esclarecer uma inconsistência que aparecerá no decorrer deste estudo. Embora vários documentos, livros e notícias, inclusive os próprios moradores da comunidade, dirijam-se a ele como sendo um bairro, segundo dados do Sistema Único de Informações - SUI da Prefeitura Municipal, o Vila Ipê, é um loteamento.

No Plano Diretor do Município<sup>1</sup>, no seu 8º artigo, esclarece que um loteamento é uma “divisão de gleba em lotes destinados a edificação, com abertura de novas vias públicas ou logradouros públicos, ou com prolongamento, modificação

---

<sup>1</sup> Plano Diretor do Município - Lei complementar nº 290, de 24 de setembro de 2007.

ou ampliação das vias públicas ou logradouros públicos existentes”. Pelisser (2009) nos diz ainda, que os loteamentos pertencem a algum bairro e à medida que vão crescendo podem também se transformar em um, mas para isso precisam de avaliação da prefeitura e da câmara dos vereadores. O Vila Ipê, segundo esta definição pertence ao bairro Santa Fé, que começou a ser urbanizado na década de 1970 com a chegada de famílias de cidades vizinhas. Conforme as indicações do mapa fornecido pelo SUI (ANEXO A) o loteamento apresenta como limites visuais, o Residencial Colina do Sol, o Sete Heras, o Popular Belo Horizonte e o *Cânyon*.

Situado na Zona Norte da cidade, o Vila Ipê tem sua principal via de acesso na Rodovia Sinval Guazzelli (RS 122) e segundo Lazzarotto e Valentim (1986), o seu nome decorreu do fato de existirem no bairro, bonitos pés de Ipê. Porém, ainda segundo os autores, apesar de o nome registrado em cartório, ser este, alguns moradores demonstram a preferência pela nomenclatura, Jardim Ipê.

O Vila Ipê foi construído pela prefeitura através da Lei Municipal do Fundo da Casa Popular<sup>2</sup> – FUNCAP, que é um Fundo Especial mantido pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, tendo como unidade responsável a Secretaria de Habitação. Segundo Zorzi (2001) a Lei do FUNCAP, até o ano de 1974, em que foi reformulada, consistia na liberação de 1,5% do orçamento para beneficiar exclusivamente os funcionários da prefeitura, sendo este o motivo do surgimento do Bairro Santa Fé.

Zorzi (2001) diz ainda que no ano de 1974, a partir dessa reorganização, o Fundo começou a ser dinamizado, dando possibilidade de utilização também para a população de baixa renda, a qual se convencionou caracterizar aquelas famílias relativamente grandes, com uma média entre cinco e sete indivíduos e que recebessem até três salários mínimos.

Em uma segunda reestruturação a Lei do FUNCAP foi ampliada, dando a possibilidade de se fazer loteamentos, construir casas, financiar materiais de construção, aumentando as alternativas de financiamento de moradia para a população de baixa renda, porém sempre mantendo o critério de concessão do benefício do Fundo ao cidadão que comprovasse morar na cidade dois ou mais anos, e que tivesse renda, na época ampliada até cinco salários mínimos (ZORZI, 2001). E ainda de acordo com o autor, até o início de 1981 foi feita toda a

---

<sup>2</sup> Fundo da Casa Popular – FUNDCAP - Lei Municipal 499/52, 544/53, 2183/74, 2587/80, 2646/81, 2751/82, 5030/98 e atual 5348 de 28 de março de 2000.

reformulação do FUNCAP, surgindo o programa dos lotes urbanizados que já existia no âmbito do Banco Nacional de Habitação – BNH, dando a possibilidade de se fazerem lotes com toda a infraestrutura e entregá-los ao mutuário que se responsabilizaria em construir a casa.

Zorzi (2001, p.04) nos diz que

foi assim que surgiu a Vila Ipê com um pouco mais de quinhentos lotes [...] ele era relativamente afastado da cidade, atrás do Santa Fé, mas foi a área que foi encontrada, o pessoal do planejamento na época destinou aquela área para a habitação. A habitação ainda não tinha autonomia para ela definir as áreas que ela queria, mas foi um empreendimento. [...] foi implantado o Vila Ipê, com trezentos e poucos lotes, foi construída a escola, o centro comunitário, o ambulatório.

Na época, como nos descrevem Lazzarotto e Valentim (1986), para poder obter um desses lotes, as pessoas se inscreviam e eram chamadas gradativamente, para os ocuparem, dispondo de um tempo de seis meses para construírem suas casas. É importante destacar, ainda segundo os mesmos autores, que no loteamento existe a impossibilidade de alugar as casas e, no caso de venda, a prefeitura tem a preferência, devido ao fato de ter sido planejado sem visar lucros.

Para quitarem seus lotes, os moradores tinham um prazo entre quinze e vinte e cinco anos, sendo que os objetivos desse longo período era, além de facilitar o pagamento, já que só podiam adquiri-los pessoas com baixa renda, também o de fixar moradores no Vila, para fazer dela um ponto de chegada e não um local de transição (LAZZAROTTO; VALENTIM, 1986). E de acordo com os autores citados, os moradores mesmo vindos de diferentes locais, aqui se encontram, se tornando vizinhos permanentes, criando laços de afinidade.

Os moradores ainda lembram que as terras do loteamento pertenciam à “Família Andriquett” (LAZZAROTTO; VALENTIM, 1986), ao qual dá o nome ao seu principal logradouro, a Avenida Antônio Andrighetti. A partir deste contexto que o Vila foi se constituindo e se urbanizando.

### **1.3 A urbanização do Vila Ipê**

Atualmente a estimativa da população do bairro é de 3.170 habitantes, distribuídos num total de 531 residências, com uma média de 5,97 pessoas por domicílio (POLETTTO, 2007). O Vila Ipê, além das residências, as quais o seu conjunto dá justificativa de existência, também compreende uma infraestrutura, cujo

processo denominamos de urbanização. Segundo Houaiss e Villar (2009, p. 755) urbanizar é “realizar técnicas e obras para dotar (cidade ou área da cidade) de condições de infraestrutura, planejamento, administração e embelezamento”.

E de acordo com Lazzarotto e Valentim (1986, p.225), “o loteamento foi planejado, tentando ao máximo uma infra-estrutura que beneficiasse a todos”. No período de sua constituição, os moradores mostravam-se satisfeitos com este aspecto afirmando que

são donos dos lotes, pagam uma mensalidade baixa e contam com serviço de água, luz, esgoto, linha de ônibus (de hora em hora – que causa alguns transtornos), telefone público, um prédio que servirá como centro comercial, área verde e, futuramente, centro comunitário, onde funcionarão as entidades do bairro (LAZZAROTTO; VALENTIM, 1986, p. 225).

Hoje, além dos chamados serviços básicos, como energia elétrica, água e esgoto, existem também, algumas melhorias nos serviços oferecidos no Vila. A telefonia, por exemplo, não se resume somente à pública. O transporte coletivo, vale assinalar, oferecido desde 1986 pelo monopólio da empresa Viação Santa Tereza - VISATE dispõe de diversos horários que facilitam o deslocamento dos moradores. E a coleta de lixo também tem sido realizada pela Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul - CODECA. Porém com relação a este serviço, é comum encontrarmos acúmulo de lixo nas vias públicas, principalmente em uma área que está sendo aterrada sob a linha de transmissão. Este é um fator que incomoda alguns moradores, pois os resíduos trazem a presença de animais para próximo das casas. Estes entulhos são jogados tanto por alguns moradores do local, como pelos caminhões que levam esses aterros até o loteamento.

No que se refere às suas ruas, uma das características mais pitorescas são suas denominações. Destaca-se nomes de pássaros, tais como: Rua dos Sabiás, das Gaivotas, das Arapongas, das Cotovias, das Andorinhas entre outras. Algumas destas ruas não são pavimentadas, como podemos ver na figura abaixo, causando transtornos aos moradores. Quando chove, as vias ficam com poças d'água cobertas de lama e barro, dificultando a passagem das pessoas. Entre as ruas asfaltadas encontra-se, a Avenida Antônio Andrighetti, a que se localiza na frente da escola e a maioria das do trajeto do transporte coletivo, denotando a intencionalidade desta melhoria.



Figura 01: Vista de uma das ruas sem asfalto  
Fonte: Arquivo pessoal, 2008

Ainda sob o contexto da rua, uma questão significativa no dia a dia do Vila, é a presença de um grande número de animais, em especial cães, tanto nas residências quanto nas vias públicas. Essa é outra preocupação da comunidade, visto que de acordo com Poletto (2008), tem havido muitos atendimentos antirábicos na UBS Vila Ipê, em função do número alto de cães soltos na rua. Segundo o autor, dos 531 domicílios existentes no loteamento, há uma média de 5,97 pessoas e de 1,82 cães por residências, dados bastante significativos.

Quando apontamos para os estabelecimentos comerciais existentes, encontramos alguns mercados e padarias; locais para estética, que oferecem os mais variados serviços. Alguns bares que congregam um misto entre vendas de produtos alimentícios, bebidas entre outros. Esses locais dispõem também de espaços de divertimento, com mesas de sinuca e máquinas de jogos, constituindo-se num atrativo principalmente para os jovens. Outros espaços também se destacam como opção de lazer a exemplo da locadora e da *lan house*.

A comunidade tem a sua disposição uma Unidade Básica de Saúde – UBS, a qual podemos observar na figura abaixo. A UBS conta com instalações como: salas de clínica básica, de odontologia, consultórios não-médicos, salas de curativos, sala de serviços de enfermagem, sala de imunização, sala de nebulização, sala de pequena cirurgia, sala de repouso/observação (CNESNet, 2009).



Figura 02: Unidade Básica de Saúde Vila Ipê  
Fonte: Arquivo pessoal, 2008

Com essa infraestrutura, a Unidade mantém, tanto os serviços básicos, como também alguns especializados, sendo eles: estratégia de saúde da família (saúde da família e bucal), estratégias de agentes comunitários de saúde, serviço de atenção ao pré-natal, parto e nascimento (acompanhamento), serviço de atenção psicossocial (atendimento), serviço de controle de tabagismo (abordagem e tratamento do fumante), serviço de triagem neonatal (tratamento recém nascido com hipotireoidismo e fenilcetonuri) (CNESNet, 2009).

E com a missão, de “promover a assistência à saúde, inclusive com ações de prevenção de doenças e promoção do auto-cuidado” (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 2009e), para atender toda a demanda, conta com um total de 51 profissionais especializados, entre médicos, agentes comunitários, auxiliares e técnicos em enfermagem, enfermeiros, auxiliares de consultório dentário e cirurgiões dentistas, psicólogos, assistentes sociais (CNESNet, 2009).

Situado na Avenida Antônio Andrighetti, o Centro Comunitário Vila Ipê constitui-se como uma estrutura social que serve de apoio à realização de algumas atividades e eventos. Neste local, acontecem, entre outras ações, reuniões de interesse da comunidade, como por exemplo, as do Orçamento Participativo - OP, as quais os moradores participavam objetivando melhorias para a comunidade. A própria Escola do loteamento, por falta de espaços físicos adequados, utiliza o Centro como alternativa para realizar algumas atividades. Outras entidades sociais

também utilizam o espaço, tal como, a UBS Vila Ipê, em virtude do prédio estar sofrendo reformas.

Antes de ser utilizado pela UBS, eram ministradas semanalmente, aulas de ginástica orientada por professores de Educação Física, promovidas pela Secretaria de Esporte e Lazer - SMEL (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 2009f). Ainda, segundo o *site* da Prefeitura, essa atividade faz parte do Projeto Ritmo e Movimento da SMEL e tem como objetivo, “propor para a comunidade adulta a partir de 20 anos, de ambos os sexos, vivências corporais que melhorem os aspectos físicos, psíquicos e sociais, buscando a qualidade de vida diária”.

Na comunidade existem ainda algumas instituições que fazem parte da Fundação de Assistência Social – FAS, que é uma entidade da administração indireta do Poder Executivo Municipal, como o órgão gestor das Políticas Públicas de Assistência Social do município (FAS, 2009). Ainda, de acordo com o seu *site*, a Fundação conta com uma equipe de apoio à gestão e é a gestora da Rede de Atenção a Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul - RECRIA.

A RECRIA é um conjunto de entidades (governamentais, não governamentais, conselhos setoriais e poder judiciário) que trabalham de forma integrada, visando atender as crianças, os adolescentes e suas famílias (RECRIA, 2009d). Os objetivos desta Rede de Atenção são:

[...] facilitar, agilizar, viabilizar, propor e dinamizar ações nas diversas áreas de atenção à criança, ao adolescente e suas famílias (abrigo, centros educativos, saúde mental, drogadição, portadores de necessidades especiais, maus-tratos, apoio sócio-familiar). Essas ações são realizadas de forma integrada, abrangendo todo o município. (RECRIA, 2009d, s/p).

Uma dessas instituições é o Centro Educativo Flor do Ipê, que é um:

serviço dirigido a crianças e adolescentes, em turno inverso ao da escola, onde são executadas atividades voltadas à garantia de direitos, promoção, proteção, desenvolvimento e socialização, tendo como intercomplementariedade, propostas de ações com a família, escola e a comunidade (FAS, 2009, s/p).

Neste Centro são atendidas crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social que estiverem na faixa etária entre 6 e 15 anos decorrentes de pobreza, da fragilidade da família (papel de adultos responsáveis), da negligência, do abuso sexual, da violência doméstica e dos maus tratos (físicos e psicológicos),

assim como de trabalho infantil (FAS, 2009). É importante salientar que, de acordo com publicação do *site* da FAS, que as equipes de trabalho desse Centro não desenvolvem atividades somente com as crianças e com os adolescentes, mas também com as famílias e com a comunidade.

Como parte da RECRIA, também se encontra no loteamento o Centro Assistencial e de Promoção Social Joana d'Arc, fundado em 2002, para atender crianças e adolescentes, com idades entre 7 e 14 anos, no turno inverso ao da escola. Com isso, permite que muitas mães voltem ao mercado de trabalho para poderem reforçar a renda familiar. Atualmente o Centro atende 96 crianças e adolescentes, sendo 47 matriculados no turno da manhã e 49 no turno da tarde.

O Joana D'arc tem como missão “promover a inclusão social de crianças e adolescentes através da educação”, através de atividades como: Educação Física, dança, capoeira, alimentação, higienização, tarefas escolares, leitura, pesquisa e oficina de costura (RECRIA, 2009b, s/p). Para tanto, conta com convênios da Prefeitura Municipal e do Colégio da rede particular Murialdo, assim como com o auxílio de voluntários tais como os “Amigos do Bem<sup>3</sup>”.

Cabe salientar que o trabalho voluntário tem sido muito utilizado atualmente pelas empresas, entendida por Souza (2008, p.04) como:

“responsabilidade social da empresa”: que são ações sociais desenvolvidas por força de uma iniciativa empresarial, nas quais em geral se mobiliza o trabalho voluntário dos funcionários dessas corporações, ou até mesmo da comunidade em geral, com ou sem aporte financeiro direto da empresa envolvida.

No entanto, para esclarecer o real interesse das empresas neste tipo de ação, lançamos mão da chamada do próprio *blog* dos “Amigos do Bem”, quando promovem alguma atividade, que solicita aos supostos voluntários que entrem em contato com o “grupo de *endomarketing* da prolar imóveis”. Este exemplo evidencia os motivos deste voluntariado, ou seja, lucro.

Tal situação é uma adaptação às novas demandas exigidas pelo capital, onde Souza (2008, p. 08) mostra que

---

<sup>3</sup> Grupo de colaboradores da Prolar imóveis, fundado em 2004 e que em 2010 passou a auxiliar as atividades do Centro Assistencial e de Promoção Social Joana d'Arc.

por sua vez, as empresas, também determinadas pelas forças internas do capitalismo, viram-se obrigadas a reorganizarem-se nesse momento histórico para o auxílio no atendimento, pelo menos paliativo, desses grupos sociais que compõem os extratos mais pobres da população. Isso se faz por meio da mobilização do trabalho voluntário de seus funcionários e às vezes da inversão de algum aporte financeiro, a favor das necessidades e causas desses grupos sociais sobrantes: a chamada Responsabilidade Social da Empresa. Nesse processo, as empresas, que são necessariamente movidas pelo interesse da acumulação, mas não necessariamente por objetivos sociais, descobriram ou construíram formas de converter essas ações de “Responsabilidade Social” em aumento de seus lucros.

Ao tratarmos a presença do voluntário neste contexto de responsabilidade social das empresas, entendemos que sendo ele um trabalhador vinculado a uma empresa privada, este trabalho dito voluntário ainda nas palavras de Souza (2008, p. 11):

[...] torna-se involuntário e passa a compor o conjunto de atribuições e condições das relações de venda da força individual de trabalho na sociedade capitalista atualmente, pois propicia o aumento da possibilidade da realização monetária da mais-valia na circulação, diante da concorrência.

Além das entidades anteriormente citadas, ainda fazem parte do loteamento, a Creche Vila Ipê, onde as famílias deixam as crianças para poderem desenvolver suas atividades laborais. A Associação Comunitária, local bastante significativo na comunidade, pelas questões que são de sua ingerência, mas principalmente por sua sede ser utilizada para velar os mortos do Vila.

E também a Escola Estadual de Ensino Médio Fazenda Santa Fé, que está sendo erguida há alguns anos, tendo suas obras interrompidas algumas vezes, inclusive por abandono dos responsáveis por sua construção. Quanto a esta escola, hoje a estrutura que tem capacidade para 800 alunos, está pronta, aguardando equipamentos, mobiliário e o seu efetivo funcionamento junto ao Conselho de Educação. Para esta, também há uma proposição do vereador Renato Oliveira para descaracterizar a rua em frente à escola para que o espaço seja utilizado como área socioeducativa e pedagógica.

E por fim, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ruben Bento Alves que se destaca por ser referência para a comunidade.

#### **1.4 A Escola como referência**

Situada no número 25, da Rua dos Sabiás, está a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ruben Bento Alves, fundada no ano de 1981. Inicialmente ela

mantinha suas atividades anexa à Escola Municipal de Ensino Fundamental Angelina Sassi Comandulli, localizada no Bairro Santa Fé, porém, em virtude do crescimento populacional foi construído um novo prédio onde passou então a funcionar. A Escola abrange também estudantes do *Canyon* e do Altos da Maestra (PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA, 2008).

Com relação aos seus espaços, a Escola é constituída por dois prédios e por uma área externa. O primeiro é um conjunto de dois pavilhões<sup>4</sup>, em que se encontram: a sala dos professores, a sala de coordenação pedagógica, a biblioteca, a sala e a antessala da direção, a sala de apoio, a sala de informática, a sala de projeto, a secretaria, a cozinha, o refeitório, 03 banheiros e 10 salas de aula. O segundo prédio trata-se de um bloco anexo ao primeiro, em que existe a sala de recursos/Classe Especial, 02 salas de aula e 02 banheiros. No entanto, há carência de espaços físicos para a realização de reforço escolar, reuniões com pais e responsáveis e até mesmo para algumas atividades como palestras, apresentações, entre outras atividades importantes no processo educativo.

Além destes, a Escola contempla espaços externos. Na parte frontal existe uma área utilizada como estacionamento; um espaço para atividades recreativas e esportivas e um parque infantil (balanços, gangorras e escorregador). Na parte lateral, uma área coberta e, nos fundos, uma quadra esportiva com traves e sem cobertura (Fig. 03); um espaço para prática de voleibol e uma área gramada e arborizada.

---

<sup>4</sup> Esta é a denominação utilizada por todos, porém remetem a um tipo de carceragem, o que segundo alguns professores não seria a melhor denominação, pois no próprio local já existem muitos estigmas de violência, sendo este mais um.



Figura 03: Quadra esportiva da Escola  
Fonte: Arquivo pessoal, 2007

É importante destacar que estes espaços externos, não se encontram em condições adequadas para utilização, pois desprovidos de manutenção encontram-se com muitas rachaduras, buracos, entre outras incidências. Essa condição vem oferecendo riscos para aqueles que os utilizam, causando frequentemente, além de pequenos arranhões, também contusões, entorses, até fraturas.

No ano de 2007 foi realizada uma avaliação do espaço físico externo da escola, onde foram constatadas inúmeras irregularidades. O relatório ficou sob responsabilidade da escola e seria utilizado como fundamentação na tentativa de obter as reformas necessárias, no entanto sabe-se que a estrutura continua sem os devidos reparos, agravando as possibilidades de riscos.

A “Ruben”, como é chamada, tem preocupação em oportunizar diferentes atividades e encontros aos jovens que a frequentam, porém há o reconhecimento de que os esforços são insuficientes em função do elevado número de alunos. De acordo com a Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental e Educação Especial de 2008, a Escola oferece aos educandos, em parceria com outras entidades:

- Aulas de Dança, nas sextas feiras, para os alunos do turno da tarde;
- Projeto Brincando pela Paz, aos sábados, na parte da manhã, no qual os alunos têm a possibilidade de realizar jogos cooperativos;
- Projeto casa da Redenção, aos domingos, o qual propõe atividades lúdicas e pedagógicas para pais e alunos, bem como alimentação;
- Programa Cidadão Século XXI da Universidade de Caxias do Sul, no qual temos em torno de quinze alunos participando;

- Programa Parceiros Voluntários, em que um grupo de alunos conversa sobre a paz e discute questões da Escola;
- Banda, um projeto já tradicional na escola, em que participam cerca de 40 alunos;
- Oficina de Hip Hop, que é ministrado por um ex-aluno que está prestando serviço comunitário, uma vez por semana no Centro Comunitário;
- Programa Educacional de Resistência às drogas e à Violência, um programa oferecido aos alunos das quartas séries com o objetivo de combater a violência;
- Juntamente com a Unidade Básica de Saúde a escola trabalha questões de sexualidade com os alunos das sextas séries;
- Parceria com a Unidade Básica de saúde, que promove um encontro mensal com as sextas séries para trabalhar questões de sexualidade e projeto de vida.

Entre essas atividades, algumas são ofertadas anualmente como a principal atividade extracurricular oferecida pela Escola, que é a Banda Marcial, em que os alunos e alunas fazem parte, tanto do grupo de músicos instrumentais, quanto do de balizas. Durante o ano letivo, são realizados ensaios semanais que se transformam em atração na escola, pois os alunos que assistem, almejam participar, sendo que anualmente há uma renovação dos seus integrantes. Além de outros eventos, a banda tem seu destaque na apresentação anual no tradicional desfile de sete de setembro do município.

Entre as atividades desenvolvidas em parceria com outras instituições, o Projeto do Centro Espírita Casa de Redenção Francisco Xavier, acontece todo ano sempre aos domingos, desenvolvendo ações de responsabilidade social em bairros da cidade de Caxias do Sul, dos quais faz parte o Vila Ipê. Entre as suas atividades, está a Cozinha da Fraternidade desenvolvida na sede da Escola com convênio junto à Secretaria Municipal de Educação – SMED e as atividades da Escolinha de Futebol em que professores voluntários ministram atividades para os jovens do loteamento e bairros vizinhos (CENTRO ESPÍRITA CASA DE REDENÇÃO FRANCISCO XAVIER, 2009).

Com relação a este tipo de intervenção que se convencionou chamar de responsabilidade social, além das características já levantadas, outro aspecto a ser destacado dentro destas iniciativas, é a relação que o voluntário tem com a atividade desenvolvida, pois Souza (2008, p. 07) dá indicativos de que:

[...] a preocupação dos indivíduos que atendem a essa convocação e se transformam em voluntários, é muito mais resolver a sua situação de desconforto em relação à fragilidade de sua existência, do que o envolvimento com a coletividade. Isso em função de que há uma sensação permanente de insegurança para a população em geral, precisamente por haver a percepção de que a tensão social pode fugir dos limites do

suportável e atingir o espaço privado familiar ou individual. Assim, passam a ocorrer apelos crescentes aos indivíduos para participar de ações voluntárias com o objetivo de remediar problemas sociais.

Desta forma, tendo em vista o estigma de comunidade violenta introjetado nos moradores, aguça na sociedade uma consternação no sentido de amenizar tais condições. Desenvolvem trabalhos com as crianças movidos pela crença de estarem tirando-as das ruas, almejando, como conseqüência, a redução da violência e serem "pessoas melhores".

Além destas instituições, existem ainda no Vila, algumas ações, como as de grupos de dança, de teatro, entre outros que se utilizam do restrito espaço da escola para serem desenvolvidas, porém acontecem de forma esporádica.

Situada no coração do Vila Ipê, a Escola tem papel singular no loteamento, sendo importante referência para os jovens e para a comunidade em geral. É relevante salientar que, além do espaço/tempo pedagógico, a escola serve como local de encontro e como um dos poucos espaços para a vivência do lazer no Vila Ipê.

### **1.5 O lazer como carência**

Para explicitarmos este aspecto do trabalho, apresentamos primeiramente o entendimento de lazer, a luz da compreensão de Mascarenhas (2000, p. 17). Para o autor:

[...] o lazer se constitui como um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia. Dessa forma, dentro de uma perspectiva crítica e de emancipação dos grupos populares, o lazer pode ser entendido também como tempo e espaço para o exercício da cidadania e prática da liberdade.

A partir desta leitura, entendemos que para ampliação das condições de manifestações e vivência de lazer, há necessidade de investimentos em políticas públicas. Porém, na realidade do loteamento se evidencia o lazer como carência, pois verificamos que não há investimentos em políticas públicas de lazer e tampouco para os esportes. A Proposta Pedagógica da Escola (2008, p. 03) deixa claro que "não há espaço para lazer: quadra coberta, parque ou campo de futebol. As crianças usam a rua como espaço de lazer ou ficam restritas ao espaço da casa".

Mascarenhas (2000, p. 05), diz ainda que

[...] para se pensar o lazer em sua articulação com determinado grupo, precisamos estar conscientes de que, um e outro, não podem ser tratados como conceitos abstratos, desenraizados, desconectados de uma certa conjuntura e contexto econômico social e cultural.

No entanto, percebemos que o lazer ainda que esteja contemplado no artigo 6º da Constituição Federal (BRASIL, 1988), como um direito social, ao lado da educação, da saúde, do trabalho e de moradia, entre outros, não é levado tão a sério como os direitos citados anteriormente. Segundo Suassuna (2007) isso se deve ao fato de que para o governo, o estabelecimento de políticas para o trabalho e saúde, por exemplo, são mais urgentes do que para o esporte e para o lazer.

Partimos do entendimento de que os direitos não podem se sobrepor uns aos outros, ou seja, devem ser respeitados e corroborados da mesma forma e a partir dos mesmos critérios sem sobrepujar outros. Neste sentido, mesmo sendo um direito, uma forma que o cidadão tem para buscar igualdade perante a sociedade, o fato de o lazer que deve promover a emancipação humana ser colocado em planos secundários é preocupante.

Com base na lei maior, no Capítulo V, art. 78 do Plano Diretor do município de Caxias do Sul<sup>5</sup>, que versa sobre o esporte e o lazer esclarecer que:

A política municipal do esporte e lazer, consideradas as possibilidades e limitações reais do Município, tem como objetivo a promover ações que incentivem e possibilitem a prática de esportes e de atividades físicas e de lazer, buscando o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, proporcionando a melhoria e a conservação da saúde e da qualidade de vida, visando: I - desenvolver e implementar políticas públicas de esporte e lazer, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para a conquista da cidadania; II - elaborar projetos e executar ações que venham dar surgimento ou desenvolvimento de novas atividades esportivas e de lazer; e III - desenvolver projetos e implementar ações que potencializem o Município de Caxias do Sul como pólo de esportes, lazer e turismo.

Guiado por esta lei, a SMEL, órgão responsável por administrar e promover o esporte e lazer no município:

[...] tem a missão de projetar e implementar políticas públicas de esportes e lazer, no município de Caxias do Sul, promovendo espaços de organização da sociedade através da inclusão; participação; valorização e qualificação dos serviços prestados, com vistas à melhoria da qualidade de vida e

---

<sup>5</sup> Lei Complementar nº 290, de 24 de setembro de 2007.

integração da gestão pública e a comunidade (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 2010, s/p)

Ao analisarmos tais objetivos e missão, podemos afirmar que no município elas realmente são evidenciadas. Porém, circunscreve-se, em grande medida, ao esporte de rendimento dada a ênfase da cidade em se tornar pólo esportivo em diversas modalidades.

O investimento em políticas públicas de esporte e lazer nas comunidades periféricas da cidade não tem o mesmo interesse político quanto os investimentos em atividades e ações que dêem maior visibilidade como: competições esportivas para grandes públicos, construção de viadutos em locais de destaque, reorganização de trânsito em vias de grande movimentação ou mesmo o aumento da estrutura física dos pavilhões da Festa da Uva.

No entanto, a carência de espaços e equipamentos específicos e suficientes de lazer, impele a população jovem do Vila a migrar para outros bairros e loteamentos vizinhos. Nestas outras comunidades existem espaços que oportunizam a vivência do lazer. Neste sentido, destacamos a quadra de esportes e o parque infantil no bairro Veneza, os espaços da Escola Angelina Sassi Comandulli e com ênfase à Associação Centro de Promoção do Menor Santa Fé - ACPMEN, que também faz parte do RECRÍA.

A ACPMEN é uma obra Intercongregacional e foi implantada no ano de 1977 por este ser na época “o bairro mais carente e desprovido de toda infra-estrutura: água, energia elétrica, esgoto e por necessitar de religiosos para animar a comunidade-igreja e seus serviços” (RECRÍA, 2009a, s/p). A instituição, entre outras, tem a finalidade de: “Acolher e educar as crianças e adolescentes empobrecidos, visando ao exercício consciente da cidadania e qualificação para o trabalho, independente de etnia, credo ou sexo, na faixa etária de 5 a 14 anos” (RECRÍA, 2009a).

Consta no *site* do RECRÍA com relação aos espaços para realização de atividades, que a ACPMEN é:

Cercada de amplos pátios ricamente arborizados e emolduradas com muita grama, a Acpmen dispõe de dois parques infantis, dois campos de futebol, um gramado e outro pavimentado, e uma quadra para jogos. Há, também, um salão para apresentações e uma área coberta. Existe uma horta com canteiros de concreto, carinhosamente cultivada e cuidada pelas próprias crianças e um belo pomar, no alto do terreno, embelezando ainda mais o ambiente.

Além destes, também aparecem o Programa de Capacitação Profissionalizante - PROCAP no bairro Santo Antônio e no Bairro Pio X, fundado em 2005, objetivando a qualificação profissional de jovens em situação de vulnerabilidade social. E o Centro Assistencial Vó Juvelina, também parte do RECRIA e que atende “Crianças e Adolescentes em situação de vulnerabilidade social, moradores dos bairros Vila Ipê e *Canyon*, beneficiando diretamente 30 crianças e adolescentes bem como suas famílias (RECRIA, 2009c, s/p).

No que se refere as possibilidades de instauração de locais próprios para lazer no loteamento, estas sempre fazem parte do discurso de campanhas políticas, compondo plataformas de governo. Andrade (2010, p.126-127) diz que:

O uso do discurso é uma estratégia consciente de manipulação do estigmatizado sobre os seus anseios devido à carência ou à falta de condições nos aspectos sociais e econômicos. A oratória direcionada aos seus sonhos e idéias, passa a ser a perspectiva de futuro, na tentativa de aproximar o impossível do possível, pois é nesse momento que o habitante de periferia se sente visto e valorizado como ser humano.

Neste sentido, levando em consideração o objetivo do discurso e não a sua validade, apontamos para uma incoerência e reincidência que é a promessa de construção de parques e quadras esportivas em uma área de terras localizada na parte central de toda a extensão do loteamento, que podemos observar na figura abaixo. Porém, o que grande parte da população não sabe é que aquele espaço, “ocioso”, não pode ser utilizado, por tratar-se de uma faixa de linha de transmissão de energia.



Figura 04: Vista panorâmica da Vila Ipê, tendo ao centro a faixa de linha de transmissão  
 Fonte: Google Earth, 2010

De acordo com a EPTE - Engenharia e Planejamento em Transmissão de Energia (2010), essas faixas se caracterizam como locais de restrições, com limitações referentes a implementação de uso e ocupação que caracterizam violação dos padrões de segurança, instituídos nas normas técnicas e procedimentos das concessionárias de energia, e por questões de segurança não há possibilidade de construções sob a faixa, nem manter sob ela aglomerado de pessoas.

É importante destacar que, as restrições de utilização desses espaços não são aplicáveis somente a área sob os cabos energizados, mas sim a largura total da faixa de passagem da linha de transmissão, que varia de acordo com a classe de tensão da instalação (EPTE, 2010). Ainda segundo as informações da EPTE, essa ampliação da área para além da projeção dos cabos, decorre entre outros, do efeito dos ventos nos cabos que possibilitam o seu deslocamento lateral e limitação da área sujeita a potenciais efeitos associados a descargas atmosféricas, curto circuitos e demais contingências na linha de transmissão.

Quanto aos projetos de lazer no loteamento, além desta frustrada promessa, existe outra área localizada ao lado do Salão da Associação Comunitária, demarcada com a intenção de se tornar uma área de lazer, que foi aprovada no OC – Orçamento Comunitário de 2008 tendo como prazo para conclusão, final de 2010.

Porém, até pouco tempo somente uma placa da prefeitura indicava a construção de uma área de lazer, com prazo de entrega de 90 dias.

No entanto, a Zona Norte ganhará um Complexo Esportivo localizado na divisa dos bairros Belo Horizonte e Portal da Maestra, que será utilizado por aproximadamente 36 Associações de Moradores. Este projeto foi elaborado em 2006 e somente em 2009 foi assinada a sua ordem de início, mas até este momento não foram concluídas as obras que:

[...] com 12.477 m<sup>2</sup>, será destinado às atividades físicas, de esporte e lazer. Será composto por um campo de futebol oficial, dois campos de futebol sete, quadra poliesportiva, vestiários para equipes, vestiários para os árbitros, sala para administração da SMEL, depósito, sanitários, pista de caminhada, parque infantil e área de lazer, bancos, lixeiras, bebedouros, barras de alongamento, entre outros equipamentos. O espaço, com iluminação e paisagismo, deve ficar pronto dentro de 150 dias. O investimento da Prefeitura, por meio da Secretaria do Esporte e Lazer (SMEL), é na ordem de R\$ 980 mil (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 13.05.2009, s/p).

Outro investimento desferido a Zona Norte é a construção de um ginásio de esportes no Bairro *Canyon*. A assinatura da ordem de início foi feita pelo secretário Estadual das Obras Públicas José Carlos Breda, em março de 2010, tendo previsão de conclusão em 120 dias. Esta obra integra o Programa de Prevenção da Violência - PPV do Governo do Estado que “beneficia bairros carentes, onde existem altos indicadores de violência, utilizando a prática de esportes, aliada às melhorias das estruturas de lazer, saúde e segurança. As ações também preveem projetos socioeducativos e culturais nesses locais” (PREFEITO..., 2010, s/p).

No entanto, as obras do ginásio não haviam sido iniciadas devido a um equívoco de planejamento. “O problema é que a área inicialmente apresentada pela prefeitura, responsável pela escolha e por fazer a terraplanagem, não foi aceita pelos engenheiros da equipe técnica da Secretaria Estadual” (PIONEIRO, 10 maio 2010, p. 12). Por este motivo, foram apresentados dois outros terrenos para a construção do ginásio, um deles no *Canyon* e outro no Vila Ipê, uma nova possibilidade de o loteamento ganhar uma importante infraestrutura na área do lazer, porém até este momento não havia uma definição.

A estrutura do ginásio que tem como investimento, aproximadamente 550 mil reais, contará com uma quadra coberta, com arquibancadas, quatro salas de atividades múltiplas, um palco, sanitários e vestiários, que poderão ser utilizados pela comunidade até mesmo aos finais de semana (PIONEIRO, 10 maio 2010).

Com isso, percebemos a carência do loteamento com relação aos espaços e equipamentos de lazer. Em geral, quando existem, encontram-se em instituições e bairros vizinhos, ou como na forma de discursos e possibilidades.

## 2 COMPREENDENDO O ESTIGMA DE VIOLÊNCIA DO LOTEAMENTO

[...] a formação de um estigma ocorre a partir de informações ou marcas negativas, sejam econômicas, sociais, culturais ou religiosas, ocasionando o afastamento, a rejeição ou até mesmo a exclusão social do indivíduo, grupo ou comunidade do convívio em espaço comum (ANDRADE, 2010, p. 141).

Neste capítulo, como nos delimita o título, pretendemos entender a violência e o processo de estigmatização sofrido pelo Vila Ipê. A compreensão desse fator é necessária, por ser este, o aspecto de maior ênfase quando nos referimos ao loteamento. O estigma carregado pela comunidade é percebido principalmente nos comentários pessoais e destaques midiáticos (jornais, televisão, rádio, sites, etc.), que é parte da realidade e não a sua totalidade como é retratado em maior parte das alusões ao Vila Ipê. O entendimento deste processo torna-se importante para a compreensão do cotidiano do loteamento.

### 2.1 Conceituando estigma

O estigma, historicamente teve diversas significações para as diferentes sociedades. Por exemplo, nas palavras de Melo (2005, p. 01), para os gregos:

O estigma era a marca de um corte ou uma queimadura no corpo e significava algo de mal para a convivência social. Podia simbolizar a categoria de escravos ou criminosos, um rito de desonra etc. Era uma advertência, um sinal para se evitar contatos sociais, no contexto particular e, principalmente, nas relações institucionais de caráter público, comprometendo relações comerciais. Na época do cristianismo, as marcas corporais tinham um significado metafórico; os sinais representavam a "graça divina", que se manifestava através da pele. Eram também uma referência médica, representando perturbações físicas.

Com o passar dos tempos, este que, denotava tanto situações de exclusão quanto de prestígio, na atualidade “[...] representa algo de mal, que deve ser evitado,

uma ameaça à sociedade, isto é, uma identidade deteriorada por uma ação social” (MELO, 2005, p. 01).

Esta compreensão é corroborada pelas definições semânticas como nos apresenta Houaiss e Villar (2009, p. 318) que dizem que estigma é uma “marca ou cicatriz deixada por ferida”, “sinal natural no corpo”, “o que é considerado indigno; desonra”. Com base nesta significação, poderíamos perceber, em síntese, o entendimento do estigma como uma marca natural de caráter indigno.

Mas no nosso entendimento, essas marcas são acúmulos históricos e não naturais, que são responsáveis por causar repulsão e exclusão dos indivíduos ou comunidades. Concordamos com Melo (2005, p. 02) que afirma que:

o estigma é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito; em situações extremas, é nomeado como "defeito", "falha"ou desvantagem em relação ao outro; [...]. Para os estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade.

Dessa forma, presumimos que tais estigmas são construídos a partir de comparações, onde a realidade é confrontada com determinados modelos e quando estes não coincidem, há uma desvalorização, tornando possível caracterizar de forma depreciativa determinada pessoa ou lugar. Ainda nas palavras de Melo (2005, p.01):

A sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria. Estabelece também as categorias a que as pessoas devem pertencer, bem como os seus atributos, o que significa que a sociedade determina um padrão externo ao indivíduo que permite prever a categoria e os atributos, a identidade social e as relações com o meio.

Andrade (2010, p. 137), nos mostra que “[...] a ideia de estigmatizado como marginal, perigoso, está ainda presente no imaginário de parte da população, por fazer parte da cultura abstrata, aquela que está em nosso inconsciente”. Com isso, evidenciamos as dificuldades para descaracterizar determinado estigma, pois como a autora ressalta, por tratar-se de uma mudança cultural, só são percebidas com o passar do tempo, ao longo de gerações, ao contrário do que acontece quando se trata de mudanças materiais.

## 2.2 Conceituando violência

A violência compõe um dos assuntos de grande relevância social, ocupando a cada dia um maior espaço no cotidiano dos indivíduos e nas diferentes mídias: impressa, televisão, rádio entre outras. Porém o seu estudo é complexo e por vezes controverso, o que torna imprescindível primeiramente a apreensão de algumas premissas, como:

A noção de constituição do homem como ser histórico e social que no processo de sua relação com a natureza transforma-a, satisfazendo e criando necessidades materiais e, assim, transformando-se e criando a si próprio, carrega consigo a concepção de que não há uma essência humana dada e imutável, ou, em outras palavras, a concepção de que a natureza humana é construída historicamente e, em consequência, que o mundo, as instituições, a sociedade, a própria natureza também não têm uma essência dada, também se constituem historicamente (ANDERY; SÉRIO, 2003, p. 408).

Com a percepção de que tudo é constituído historicamente e que não há uma essência humana dada e imutável, prosseguimos no nosso propósito. Cientes de que não reunimos condições para abordar todas as suas possibilidades temáticas, destacando apenas algumas questões que auxiliarão o seu entendimento.

Com origem latina, o vocábulo violência deriva da palavra *vis* que significa “força e se refere às noções de constrangimento e de uso de superioridade física sobre o outro” (MINAYO, 2006, p.13). Se buscarmos Houaiss e Villar (2009, p. 772), obteremos ainda os seguintes conceitos para violência: “uso da força física”, “ação de intimidar alguém moralmente ou o seu efeito”, “ação destrutiva, exercida com ímpeto, força”, “expressão ou sentimento vigoroso”.

A partir dessas definições, percebemos que as referências semânticas levam a uma compreensão de violência como o uso de algum tipo de força. No entanto, Sánchez Vázquez (2007, p. 372, grifos no original) nos diz que:

Como destruição de uma ordem estabelecida, a violência é um atributo humano, mas que não se mostra apenas pela presença da força. Na natureza há forças naturais, mas a violência não é força em si, ou em ato, senão o *uso* da força. Na natureza, as forças atuam, mas não se usam; só o homem usa a força, e pode usar a si mesmo como força. Por isso dizemos que a força em si não é violência, e sim apenas força *usada* pelo homem. Daí o caráter exclusivamente humano da violência.

Mesmo com estes esclarecimentos, sabemos da grande dificuldade de conceituar o termo, sendo a problemática principal, justamente a grande diversidade de manifestações que ela apresenta e que apontam inúmeros caminhos para sua compreensão. Por exemplo, Minayo (2006, p. 14) nos diz que entre as dificuldades de conceber um conceito para violência, a maior parte:

vem do fato de ela ser um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Por isso para entender sua dinâmica na realidade brasileira vale a pena fazer uma pausa para compreender a visão que a sociedade projeta sobre o tema, seja por meio da filosofia popular, seja ponto de vista erudito.

Entretanto, para o desenvolvimento deste estudo utilizamos como suporte conceitual, violência urbana e violência estrutural. A opção por estas definições tornou-se imprescindível pelas inúmeras concepções existentes e pela necessidade de delimitação.

Quando nos referirmos à violência urbana, nos reportamos a um tipo de violência que consideramos visível, que engloba diferentes manifestações, como homicídios, furtos, agressões físicas, entre outras, Portella (2005, p. 01) diz que:

[...] a violência urbana, aquela que nos assusta e acua a todos e todas e sobre a qual diz-se sempre que cresce e nunca diminui, como se fosse uma espécie de fenômeno fora do alcance da ação da sociedade e dos governos. Este tipo de violência pode ser cometida contra as pessoas e contra o patrimônio, os agressores são bem definidos – indivíduos ou grupos criminosos – e as vítimas somos todos e todas nós, de qualquer sexo, raça ou classe. Porém, quando se trata das formas mais graves de violência, como é o caso dos homicídios, as vítimas e os contextos de ocorrência dos crimes adquirem um perfil menos difuso e mais homogêneo: morrem desta maneira homens e mulheres pobres, negros e jovens residentes nas periferias de grandes cidades brasileiras em áreas onde são precárias as condições de vida e o acesso a direitos.

Ao situarmos a Violência Estrutural, refletimos sobre um tipo de violência invisível, que está embutida nas relações sociais, políticas e econômicas, e que Portella (2005, p.01) define como:

[...] aquela violência que se origina nas estruturas sociais e econômicas desiguais e injustas, reproduzindo-se através delas. Falamos aqui da violência da pobreza, da miséria e da desigualdade onde as vítimas são coletivos humanos e os agressores são indefinidos, despersonalizados e desmaterializados. Mas falamos também das diferentes formas de discriminação e preconceito que se enraizam nas relações sociais e, por isso, já agora temos uma primeira questão para o debate.

Com a clareza destas definições, daremos continuidade as nossas elucidações sobre o tema, explicitando algumas de suas manifestações.

### 2.3 Breves considerações sobre a gênese da violência

A violência perpassa a história da humanidade com as suas diferentes formas de manifestação. Segundo Minayo (2006, p. 15) “nunca existiu uma sociedade sem violência, mas sempre existiram sociedades mais violentas que outras, cada uma com sua história”. Contudo, é importante a compreensão de que:

a violência é um fenômeno histórico, quantitativa e qualitativamente, seja qual for o ângulo pelo qual o examinemos (conteúdo, estrutura, tipos e formas de manifestação). Só pode ser entendida nos marcos de relações sócio-econômicas, políticas e culturais específicas, cabendo diferenciá-la, no tempo e no espaço [...] (MINAYO; SOUZA, 1998, p. 521).

Em uma sucinta contextualização, podemos verificar a sua inserção, desde o primeiro caso de homicídio da história, registrado na *Bíblia Cristã* no livro de Gênesis do Antigo Testamento. Essa passagem ilustra que por ciúmes Caim armou uma emboscada para matar seu irmão mais novo Abel, crime ao qual não teve arrependimentos.

Já na pré-história, a identificamos nas primeiras disputas por habitações (cavernas) entre homens e animais. Na Antiguidade a encontramos no domínio dos povos ou na eliminação dos recém-nascidos Espartanos que tinham algum tipo de deficiência. Na idade Média, a percebemos na inquisição que foi responsável por torturar e matar milhares de pessoas que se posicionassem contrários a religião Católica.

Na Modernidade com o tráfico e a escravidão negra, em que os portugueses traziam negros africanos para o Brasil como mão de obra. Aqui enfatizamos desde a forma violenta de transporte nos porões dos navios, em condições subumanas, até a negação de todos os seus possíveis direitos. Identificamos também neste período, nas inúmeras revoluções<sup>6</sup> políticas e sócio-econômicas do período.

---

<sup>6</sup> Não iremos discorrer aqui sobre a importância da violência nas revoluções, especialmente nas socialistas, porém temos a compreensão, de que como nos afirma Sánchez Vasquez (2007) que a violência “às vezes é admitida como mal necessário para defender princípios que se consideram puros.” (p. 378).

Na Contemporaneidade nas diversas guerras, contra as minorias étnicas ou pela intolerância religiosa. Guerras estas que se constituem até mesmo em rentáveis negócios para os países que fabricam armamentos. Para este século, existem ainda previsões de muitos conflitos no oriente médio por causa da escassez de água. Na ditadura militar de 64, nos afronta com as suas inúmeras manifestações de violência. A encontramos nos mais recentes ataques terroristas pelo mundo, nos desvio de dinheiro público, na inaceitável produção suficiente e distribuição desigual de alimentos.

Cabe lembrar das violências contra os deficientes físicos, tanto as explícitas quanto a falta de acessibilidade. As agressões feitas a homossexuais, ou a qualquer outra forma de expressão sexual. Estas, por vezes nos fazem voltar na história e revivermos os regimes nazi-fascistas das décadas de 20 a 40 na Europa e em outros países, onde, os governos buscavam a eliminação daqueles considerados “anormais”, aos quais além dos deficientes e homossexuais, eram eliminados também, os judeus, os negros, entre outras etnias.

Outra forma de violência é a usada pelos Estados Unidos da América como forma de expansão do capitalismo, tanto econômica quanto territorialmente. Poderíamos ainda descrever inúmeros fatos e acontecimentos históricos que remetem, e ratificam, a premissa de que é quase impossível pensar a história da humanidade sem atrelar a ela a violência, mas temos a intenção apenas de demonstrar algumas das suas manifestações no decorrer dos períodos históricos.

Na atualidade, além das situações anteriormente citadas, podemos elencar um apanhado de manifestações que estão mais próximas a nós, e que invadem diariamente a nossa vida. Por exemplo, as violências que estão presentes nos livros, nos programas televisivos, nas produções cinematográficas e musicais, entre outras formas.

Portanto, faremos a seguir alguns apontamentos no que se refere ao principal tipo de violência que permeia a forma de compreensão da sociedade na atualidade quando se trata deste tema, que é a violência urbana.

## **2.4 Os números da Violência**

Neste momento, apresentaremos alguns dados numéricos sobre a violência urbana, para que possamos perceber uma das formas, ou talvez, a mais utilizada

para representar às informações sobre ela, e que, em grande medida, auxiliam na construção do estigma que pretendemos justificar. Porém temos consciência de que essas informações, intrinsecamente nos apresentam uma realidade mais complexa, pois remetem a outras relações da violência. É importante esclarecer que não nos debruçaremos na análise dos números da violência, sendo tomadas aqui como elucidação.

Nesta tentativa utilizaremos especificamente o “mapa da violência dos municípios brasileiros – 2008” (WAISELFISZ, 2008), que como o nome remete, não tem outro objetivo senão o de mapear a violência, justificando que não tem a pretensão de realizar nenhum diagnóstico das causas da letalidade violenta. Estes dados compõem uma pesquisa desenvolvida nos 5.564 municípios que compõem a malha administrativa do país, sendo pesquisados os 496 municípios do Rio Grande do Sul. Para os municípios com mais de 3.000 habitantes considerou-se a taxa média dos últimos 3 anos 2004/2006 e para os municípios com menos de 3.000 habitantes, considerou-se a média de 5 anos 2002/2006.

Aqui apresentaremos somente os números referentes aos homicídios totais, aos de homicídios juvenis e aos de óbitos por armas de fogo, situados de acordo com a pesquisa entre os 200 municípios com maior número no país, sendo que, entre estes, concentram-se 47,8% da população, e, entre os homicídios, representam 72, 8% do total. A escolha somente para estas taxas refere-se ao fato de termos encontrado referências à Caxias do Sul.

Os dados apontam que em número de homicídios, a cidade é o primeiro do Estado, ficando em 75º lugar na lista, apresentando números crescentes, sendo 65 homicídios em 2002, 72 em 2003, 86 em 2004, 91 em 2005 e 108 em 2006. Já em números de homicídios juvenis, o RS contribui com 10 municípios e Caxias encontra-se em 91º colocado, com 26 em 2002, 22 em 2003, 30 em 2004, 28 em 2005 e 33 em 2006 (WAISELFISZ, 2008).

Uma pesquisa do IBGE (1999, p.17) dá indicativos de mortalidade:

[...] tendo em vista que os riscos de mortalidade incidem com maior intensidade sobre as pessoas do sexo masculino a partir de uma certa idade. Geralmente, é após 15 anos que se verifica o aumento da sobremortalidade masculina, particularmente nos contextos urbanos – metropolitanos. Nos jovens e nos adultos jovens este fenômeno está diretamente associado às mortes por causas externas.

Entre os municípios com maior número de óbitos por armas de fogo, o Rio Grande do Sul aparece em 18º lugar entre as 27 Unidades Federativas, com 13 municípios na listagem, onde Caxias está em 67º dos 200, também com um aumento progressivo, onde, em 2002 foram 61 casos, em 2003 foram 66, em 2004 foram 76, em 2005 foram 87 e em 2006 foram 96 óbitos. Para corroborar esta amostra, Waiselfisz (2008) afirma que “nesse pequeno grupo de municípios, aconteceram, em 2006, acima de 3/4 dos homicídios por arma de fogo: 77,1% do total nacional” (p. 95).

Em uma breve síntese das informações apresentadas, podemos verificar os números preocupantes aos quais Caxias do Sul é cerceada quando se refere as três formas destacadas. Ao identificarmos que os dados aparecem em uma lista dos 200 com maior número, onde foram pesquisados os 5.564 municípios do país e os 496 do Rio Grande do Sul, nos deparamos com Caxias tendo um destaque dispensável.

O município encontra-se entre os 75 do país e em 1º do Rio Grande do Sul em números de homicídios, entre os 91 em homicídios juvenis e, por fim, 67 dos óbitos com armas de fogo, com números crescentes. Podemos então afirmar ainda, segundo Waiselfisz (2008), que desde 1999 os pólos dinâmicos da violência que se localizavam nas grandes capitais e metrópoles foram se deslocamento da dinâmica para o interior dos estados.

Contudo, o Rio Grande do Sul, entre os 27 estados brasileiros, está em 4º lugar em presença de menos violência, ficando atrás somente do Distrito Federal, Santa Catarina e Tocantins, sendo que dos 556 municípios mais violentos, o RS colabora com 3,97%, isto é, 22 municípios (WAISELFISZ, 2008).

De acordo com as estatísticas da Secretaria da Segurança Pública, comparando com 2008, em 2009, no Rio Grande do Sul houve redução dos crimes mais violentos. Os assassinatos nos primeiros 11 meses do ano tiveram uma redução de 12,2% se comparados com o mesmo período de 2008, sendo importante destacar que a redução dos números de homicídios são utilizados como parâmetro internacional para mensurar a violência em uma região (PIONEIRO, 23 dez. 2009). Segundo a publicação do Pioneiro ainda do dia 23 de dezembro, esta redução da criminalidade tem como um dos principais motivos, o cerco ao crack, que somente em Caxias, teve um aumento de 180% nas apreensões da droga, 108,8% nas prisões de traficantes, passando de 159 em 2008 para 332 em 2009.

Houve diminuição de 57,1% em latrocínio, ou seja, roubo com morte que é considerado o crime mais grave que existe, passando de 7 para 3 casos. Também diminuiu: o roubo<sup>7</sup> a transportes coletivos caindo 44,7%; o furto<sup>8</sup> a veículos em 13,6%; o roubo a pedestres, em 10,7%; e, ainda, o seqüestro relâmpago em 23,5%. Somente aumentou o número de homicídios em 20% (PIONEIRO, 23 dez. 2009).

No que se refere a estas manifestações da violência, é relevante situarmos um aspecto importante que é a forma com que estas informações chegam até a população. Por vezes os dados aparecem contextualizados como em livros, por exemplo, no entanto, em sua maioria, é veiculado através dos meios de comunicação fora de seu contexto, de forma sensacionalista. Vale ressaltar o amplo espaço destinado a esse tipo de conteúdo nas diferentes mídias.

É importante situarmos em Caxias, um dos meios de comunicação de maior destaque na cidade e que apresenta em suas publicações um número significativo de referências à violência no loteamento, dando assim ênfase ao seu estigma, que é o Jornal Pioneiro.

## **2.5 O Jornal Pioneiro irradiando um estigma**

Com o intuito de demonstrar o estigma que o periódico ajuda a formar, buscamos o auxílio das reportagens veiculadas na versão *on line* do Jornal Pioneiro no período entre agosto de 2008 e julho de 2009, pretendemos traçar um perfil do Vila Ipê. Esse contorno acontece a partir dos principais enfoques das publicações sobre o loteamento, pois acreditamos que pelas suas especificidades, este meio de comunicação é um grande formador de opinião da serra gaúcha.

Com este propósito, adentramos às páginas do periódico e identificamos uma quantidade expressiva de reportagens e noticiários sobre o Vila Ipê, que reportam à violência existente no local. Com este aspecto salientado, pouco se percebem outras referências à comunidade que não esta que a estigmatiza socialmente.

Com o entendimento que os meios de comunicação são grandes panóplas sociais, concordamos com Andrade (2010, p. 126), que nos diz que:

---

<sup>7</sup> Crime cometido com violência ou grave ameaça a vítima (PIONEIRO, 11 jan. 2009).

<sup>8</sup> Crime cometido sem violência, quando não há a presença da vítima (PIONEIRO, 11 jan. 2009).

a posição dominante da sociedade, para impor seu padrão sob uma comunidade estigmatizada, elabora e faz uso constante do poder do discurso, construído a partir de teorias e a condição de inferioridade do estigmatizado, suas limitações e a aceitação de sua condição, contribuindo com a alienação social, determinando e classificando os grupos sociais conforme os interesses da classe dominante.

Portanto, com o intuito de fazermos alguns apontamentos sobre o fato, primeiramente nos deteremos aos dados demonstrativos, em que, entre as 313 edições do período verificado, identificamos 82 referências ao loteamento. Destas, somente 19 não remetiam ao fator violência, fossem sob a violência urbana como crimes em geral, ou sob a percepção de negação de direitos estabelecida pela violência estrutural.

Em 37 destas menções, as publicações apresentavam referências explícitas sobre violência, fosse ela urbana ou estrutural como por exemplo: insegurança, vandalismo, perseguição, prisão, agressões, roubo, armas, tiroteio, execuções, mortes, assassinato, homicídio, tráfico, consumo de drogas e drogas em geral. Outras reportavam à cenas como: lixo espalhado, ruas trancadas, incêndio, problemas de habitação em área de risco, falta de água, entre outras, demonstrando um tipo de violência menos aparente.

Neste contexto, nos inserimos mais concretamente nas notícias do periódico, como forma de apreensão da realidade, partindo da seguinte dada por Arruda (2009, s/p) que nos mostra que:

Um caso de violência expôs ontem a insegurança dos funcionários da Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Vila Ipê. Uma técnica em enfermagem, de 44 anos, levou um tapa no rosto, desferido pelo acompanhante de uma paciente. O caso foi comunicado à Brigada Militar. Agressões verbais contra a equipe seriam comuns no posto, o que levou o presidente do Conselho Local de Saúde da Zona Norte, Marciano Corrêia da Silva, a ameaçar fechar a unidade, caso a prefeitura não tome providências (ARRUDA, 2009, s/p).

Outra situação expressa no Pioneiro do dia 7 de junho de 2009, diz que:

A Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Vila Ipê está novamente com goteiras. E a causa é a mesma de sempre: vândalos que jogam pedras no telhado, causando furos e rachaduras na cobertura. O problema, que ocorre cada vez que chove, já está esgotando a paciência de funcionários e usuários do posto.

No entanto, tais reportagens denotam que a violência não deve ser compreendida como um fenômeno isolado, mas sim, articulado a questões de estruturação social. Neste sentido, fica claro que os problemas são outros e

ignorados pelos governantes. Essa fala se ratifica, quando buscamos a compreensão histórica deste processo e verificamos que há 15 anos se reivindicava cercar a UBS para solucionar os problemas com a violência, mas hoje ele é cercado e os problemas continuam, denotando que a solução para estes problemas é outro.

Para as autoridades e governantes, é mais simples tratar a violência somente como algo que pode ser resolvido através de cárcere privado, com a repressão da criminalidade, mesmo que isto envolva outros tantos aspectos e que tais medidas acabem por instigar mais violência. No entanto, o combate real à violência dar-se-ia pelo combate da desigualdade na distribuição de renda, do desemprego e da miséria. Estes problemas sociais recebem pouca atenção, até mesmo porque a violência tem uma função social, que é a de manter a estrutura do sistema econômico.

Ao retomarmos as publicações do Pioneiro, no tocante às vítimas por assassinato, foram registradas no Estado nos primeiros três meses de 2009, 59 casos, contra 46 no mesmo período de 2008. Havendo aumento de quase 30%, onde Caxias lidera o ranking, com 32 casos em 2009 (PIONEIRO, 1 abr. 2009). Destes, o segundo homicídio do ano de 2009 ocorreu em 10 de janeiro, no Vila Ipê, como destaca Sartori (2009, s/p) no seguinte trecho que diz:

No início da tarde deste sábado, por volta das 13h 45min, o jovem [...], 19 anos, foi morto quando saía de casa, na Rua Antônio Andrighetti, no bairro Vila Ipê, em Caxias do Sul. Com ferimentos no tórax, causados por disparo de arma de fogo, foi recolhido por populares e encaminhado ao Hospital Pompéia, onde chegou sem vida. O autor do crime seria conhecido da vítima e estaria cumprindo pena em regime semi-aberto.

Sob esta mesma pauta e no mesmo logradouro da anterior Garziera (2009, s/p) noticia que:

A Polícia Civil de Caxias do Sul investiga a morte de [...], 34 anos, ocorrida neste domingo, por volta das 16h. Ele foi alvejado com um disparo nas costas, possivelmente por um revólver calibre 38, por um motoqueiro na Rua Antônio Andrighetti, próximo à Unidade Básica de Saúde do bairro. O motoqueiro fugiu do local. O crime por execução é uma das frentes de investigação da polícia, mas os motivos do homicídio ainda não estão esclarecidos.

Aqui se torna importante ressaltar que estas mortes, em geral acontecem como forma de execução, em que os envolvidos se conhecem e tem alguma disputa pessoal, onde o fator preponderante é o envolvimento com o tráfico de drogas. Outro aspecto a ser apontado, é o fato de a maioria já ter passado por alguma situação de

cárcere privado, ou como no caso acima citado, o indivíduo encontra-se em regime de prisão semi-aberto, retornando apenas para passar a noite na penitenciária.

No entanto, no caso específico de Caxias do Sul, sabemos que o trato com os apenados é simplesmente desumano. Os presos convivem em péssimas condições, em regime de superlotação, o que levou a Penitenciária Industrial da cidade ser interditada por estar comportando em um espaço para 298 vagas, um contingente de 800 presos, um número 3 vezes maior, sendo que as celas que deveriam ter 4 apenados, comportam 20 (PIONEIRO, 19 set. 2008).

Esta situação nos faz pensar no objetivo desta privação de direitos e se, este modelo auxilia realmente na diminuição da violência, pois o que se percebe é que gera outros conflitos e acaba por não alcançar o seu objetivo primeiro. O fato de conviverem em situações desumanas, ao invés de “reabilitar” para atuação em sociedade como se diz, os tornam mais “revoltados”, voltando a cometer por vezes delitos mais graves.

Atualmente a cidade conta com um novo presídio, recentemente inaugurado em 2008, após várias problemáticas de segurança. A Penitenciária Regional de Caxias do Sul - PERCS ou Apanhado como é chamada, por estar localizada na região de mesmo nome, com capacidade de 432 vagas, agrega mais de 300 presos. De acordo com Pulita (2010) a cadeia anunciada pelo Estado como modelo no país, teve divulgado pelo *síte* do Jornal Pioneiro imagens de apenados agredidos por agentes penitenciários. Esse evento provocou a troca de comando e concessões aos apenados, tal como, a liberação para a prática de futebol.

Esse fato, tem se tornado comum, nos fazendo crer que a violência não tem um padrão, que não existe mais a segmentação entre aqueles que cometem a violência e aqueles que a combatem. O que percebemos é que aqueles que têm como função de repressão da criminalidade e da violência, por vezes, como na situação acima, são os agentes da mesma. Por este motivo, a população está descreditando nas instituições de segurança.

Na cobertura de fatos, pelo Jornal Pioneiro, também é recorrente manchetes como: “Mulheres seguem no presídio: As prisões ocorreram no Vila Ipê”. De acordo com a notícia:

As três mulheres presas no final da noite de quarta-feira por suspeita de tráfico de drogas seguiam na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre, até as 20h de ontem. [...]. Os PMs estavam na Rua dos

Pintassilgos, no bairro Vila Ipê, por volta das 22h, quando uma mulher, [...], teria visto a viatura e escondido um pacote na roupa. Os policiais a revistaram e disseram ter encontrado o pacote com 20 trouxinhas de cocaína e R\$ 20 em dinheiro. Perto dali, foram abordadas [...], que estaria com cinco papétes de cocaína, e [...], que estaria com quatro pedras de crack [...]. Segundo o advogado Ronaldo Cardoso, contratado pelas suspeitas de tráfico, elas negaram a posse da droga. O defensor entrou ontem com pedido de liberdade provisória, que deverá ser decidido pela Justiça nos próximos dias (PIONEIRO, 08 ago. 2008, s/p)

Com relação a esta incidência, em reportagem e publicação da Rádio Viva, “O tenente coronel Júlio César Marobim, comandante do 12º Brigada da Polícia Militar, afirma que nos últimos tempos o número de mulheres presas por tráfico de drogas, em Caxias, vem aumentando” (RÁDIO VIVA, 2008). Esta afirmativa justifica-se através da seguinte referência registrada no Pioneiro (13 set. 2008, s/p).

A Polícia Civil vai apurar qual a participação de três mulheres em um suposto esquema de tráfico de drogas no bairro Vila Ipê. [...]. Os policiais acharam 4,75 gramas de crack, 48 gramas de maconha, R\$ 300, quatro relógios, um MP3, um celular e uma balança de precisão. As drogas e os objetos estariam na moradia das três. As suspeitas foram autuadas em flagrante por tráfico e levadas a um presídio.

Entre as mulheres acima citadas, na reportagem do Jornal Pioneiro de 8 de agosto de 2008, demonstra que as meliantes tinham idades respectivamente de 20, 28 e 49 anos e possuíam laços de parentesco. Já na do dia 13 de setembro de 2008, uma delas tinha 38 anos e as outras duas com apenas 21 e possuíam o mesmo sobrenome. Estes dados além de demonstrar que tais crimes tem se tornado uma atividade familiar, denota também que, cada vez mais os jovens estão envolvidos.

A percepção da violência no Vila a partir do Jornal Pioneiro, é relevante, pois além de publicar sobre o loteamento, principalmente matérias que reportam a este fator, também leva ao conhecimento da população, a premissa de que lá existe somente violência, o que contribui para estigmatizar o local e seus moradores. Com isso, entendemos de acordo com Abreu (2007, p.94), que “a mídia pode não influenciar diretamente as pessoas, mas tem papel decisivo para determinar os temas em torno dos quais se cristalizam os debates na sociedade”.

A relação da mídia com a violência extrapola o cumprimento da sua função informativa, e acaba por cumprir um papel ideológico decisivo: a construção de mentalidade. Com relação a isto, Ristum e Bastos (2003, p.182) afirmam que:

A mídia, ao informar de modo parcial, atua na construção de uma mentalidade que discrimina e exclui a parcela menos favorecida da população, pois esta parcialidade, ao lado do seu grande poder de penetração em todas as camadas sociais, acaba por forjar ou ampliar, no seu público, conceitos, preconceitos, estigmas, estereótipos.

A partir desta prerrogativa, buscamos a compreensão de que parte da violência atribuída ao Vila Ipê, aparece de forma descontextualizada e por vezes exacerbada, acabando por ratificar o loteamento como violento. Entendemos que a violência é fato preocupante no Vila, mas os estigmas que foram construídos de bairro violento vai além da realidade.

Com isso, justificamos que não raramente os casos apresentados apareceram nas páginas e no *site* do Jornal, como novelas, ou seja, reportagens e citações que foram acompanhadas diariamente sendo explorados capítulo a capítulo, o que justifica a construção de uma mentalidade, de um estigma.

Demonstramos então a nossa preocupação, não somente com as manifestações da violência, mas especialmente com as formas geralmente parciais que as informações sobre ela são levadas a população, criando mitos e afetando a vida de toda a comunidade.

## **2.6 A Violência com e no Vila Ipê**

Para justificarmos este momento, pretendemos inicialmente tratar da violência com o loteamento. A sua localização na Zona Norte da cidade evidencia a primeira marca que o Vila carrega. Nas palavras de Fabres (2009, p. 03):

A zona norte é uma região especial da cidade. Atraiu gente de muitas cidades do Estado que vieram para Caxias atrás de emprego nos últimos 30 anos. Hoje a população é de dezenas de milhares de pessoas. Urbanizou-se a uma velocidade alucinante, processo semelhante ao que ocorre atualmente com a zona sul da cidade. E dessa forma, surgiu uma infinidade de demandas a serem atendidas. Um imenso conglomerado urbano com perfil operário formou-se, e sem estrutura mínima de lazer.

Esta descrição da Região Norte, aqui entendida como Zona Norte, poderia ser a descrição da maioria dos bairros da cidade, pois é visível o crescimento intenso de Caxias, principalmente pela busca de trabalho, o que causa a necessidade de investimento nas diferentes áreas. Porém, quando se refere à Zona Norte da cidade, deflagra a discussão entre centro e periferia, que Silva (2007, p. 229) esclarece afirmando que:

No caso do Brasil, as favelas e territórios análogos, independentemente de sua localização, são percebidos também como espaços periféricos. Temos, assim, um processo sociocêntrico de percepção, mais do que de definição, da periferia: os juízos mais difundidos sobre ela, das mais variadas formas, são os propostos pelos grupos sociais dominantes, e a partir dos valores específicos destes.

Ainda nas palavras do autor, podemos enfatizar que a representação destes grupos dominantes quando se referem à periferia é a noção de ausência, um local sem infraestrutura urbana, nem arruamento, sem ordem, sem regras, sem moral, globalmente miserável, enfim, o caos. No entanto, apesar de reconhecermos em parte esta situação, por conhecermos a realidade do loteamento e evidenciarmos a falta de infraestrutura do local em determinadas áreas, esta objetivação discorda dos aspectos da naturalização que a concepção de periferia engloba, em especial quando se refere à ordem, regras e moral.

Este fato tem como relevância em parte, o que afirma Silva (2007, p.230), ou seja, que:

[...] o reconhecimento do direito à cidade é relativizado, de acordo com a cor da pele, o nível de escolaridade, a faixa salarial e/ou o espaço de moradia dos residentes na cidade. O juízo se expressa, de forma particular, no menor ou maior grau de tolerância com as diferentes manifestações de violência, de acordo com o alvo da agressão e não com o ato em si. Basta lembrar como difere a postura da mídia e dos órgãos de segurança quando um morador da periferia ou outro das camadas sociais médias/altas sofre uma violência.

Esta generalização de que o Vila Ipê é um lugar violento, é disseminada pela cidade fazendo com que todos os moradores, em especial os jovens, tenham agregado a sua vida essa concepção, seguindo a premissa de que: se o loteamento é um local violento, todos os moradores de lá também o são. Mas apesar de afirmarmos que o Vila apresenta episódios de violência, consideramos a proposição de que a comunidade é violenta, ilegítima.

Dentro desta lógica, além da definição da Zona Norte levar a compreensão de periferia, também a nomenclatura usual e registrada do loteamento, de Vila Ipê traz consigo outro aspecto a ser considerado que é a denominação de “Vila”. Mesmo que no Brasil, informalmente, o termo “Vila” possa ser utilizado com diferentes definições, como por exemplo, na cidade de São Paulo, que serve para denominar bairros com grande referência cultural como a Vila Madalena, no Rio Grande do Sul é sabido que este termo tem um significado pejorativo, pois é equiparado ao termo “favela” do Rio de Janeiro, fato que agrega uma marca em seus moradores.

Mas se analisarmos historicamente este vocábulo, podemos identificar que no período do Brasil colonial, segundo o sistema português que o regia na época, “Vila” era uma designação dada a determinado local e que se enquadraria entre a definição de povoação e a de cidade (ASSEMBLÉIA DA REPÚBLICA, 1982). De acordo com a Assembléia da República, Lei nº 11/82 de 2 de junho, que versa sobre o “regime de criação e extinção das autarquias locais e de designação e determinação da categoria das povoações”, no artigo 12º, define-se que:

Uma povoação só pode ser elevada a categoria de Vila quando conte com um número de eleitores, em aglomerado populacional contínuo, superior a 3000 e possua, pelo menos metade dos seguintes equipamentos colectivos: a) Posto de assistência médica; b) Farmácia; c) Casa do povo [De acordo com o ministério dos assuntos sociais, decreto-lei nº 4/82 de 11 de janeiro: As casas do povo aparecem-nos como autenticos centros comunitários, empenhados no desenvolvimento das populações, contribuindo para a melhora da sua qualidade de vida, através de diversas acções de animação sócio cultural], dos pescadores, de espetáculos, centro cultural ou outras colectividades; d) Transportes públicos colectivos; e) Estação do CTT [CTT - Correios de Portugal S.A., conhecidos simplesmente pela sigla CTT - Correios, Telégrafos e Telefones, sendo que atualmente a área das telecomunicações constitui outra empresa]; f) Estabelecimentos comerciais ou de hotelaria; g) Estabelecimento que ministre escolaridade obrigatória; h) Agência bancária;

Com essas considerações, percebemos que as características de uma vila foram com o passar do tempo se desconfigurando, em especial no Rio Grande do Sul, que até mesmo sua capital Porto Alegre, no século dezenove, já desfrutou da categoria vila. Porém, mesmo que alguns moradores do Vila Ipê se defendam das marcas que poderiam gerar esta designação dentro da comunidade, exceto em situações isoladas, a preocupação com o ser ou não ser “vila” sob o sentido torpe da palavra, não faz parte do cotidiado. No entanto, a predileção de alguns moradores por denominar a comunidade de Jardim e não de vila, como nos referimos anteriormente, pode estar ligada ao carácter pejorativo que esta denominação acompanha.

Quando nos referimos à violência no Vila, não podemos deixar de trazer alguns aspectos levantados na Escola Ruben Bento Alves. Para esta compreensão, identificamos diferentes formas de violência, tanto nas relações humanas e institucionais quanto espaciais. Tais situações de violência são visíveis e facilmente perceptíveis. De acordo com o Projeto Pedagógico da escola (2008, p. 03), onde diz que:

Com relação ao aspecto sócio afetivo são freqüentes as agressões verbais, sociais e físicas entre os alunos. Podemos citar empurrões, pontapés, socos, constrangimentos, intimidações, xingamentos, ameaças, palavrões, apelidos depreciativos, formação de gangues para agredir fisicamente em indivíduo só, depredações do patrimônio da escola, drogadição, roubo de materiais, coação para o uso de droga e vulgarização do sexo.

Quando situamos a violência com o corpo docente, afirmamos como está no Projeto Pedagógico da escola (2008, p. 03), que com:

relação aos professores já ocorreram agressões físicas por parte dos alunos. As agressões ao corpo docente são constantes: formação de grupos de conversas alienadas aos objetivos da aula em questão, recusa em relação às solicitações de tarefas e quanto às atitudes de bom andamento, omissão das atividades em uma atitude passiva, passando ao envolvimento na indisciplina (ócio gera indisciplina), responsividade exacerbada (ausência de tolerância: tapa que gera tapa, soco que gera soco). Precisamos salientar que essas atitudes não são protagonizadas por todos os alunos, em algumas turmas nem sequer pela maioria, mas por alunos que apresentam sérias dificuldades de relacionamento ou, o que é mais grave, por alguns alunos que têm amplo poder de manipulação da turma devido à realidade social

Em virtude do que foi acima apresentado, no ano de 2006 foi implantado um projeto criado pelos próprios professores da escola, sob o título de “Saber Conviver”, que inicialmente tinha o intuito de auxiliar na resolução das questões de violência no contexto escolar, mas com o passar do tempo foi se descaracterizando até ser destituído em 2008.

Historicamente, a Escola, como o Vila Ipê, carrega um forte e arraigado estigma de violência. É importante salientar que, esta vem até mesmo da sua mantenedora, que algumas vezes foi negligente no retorno de resoluções. Um exemplo desta falta de atenção é evidenciado quando o Projeto Pedagógico da Escola (2008, p.04) diz que “considerando a situação de violência na qual está inserido o bairro e as dificuldades de aprendizagem apresentadas, as turmas têm um número muito elevado de alunos, chegando, nas quintas séries, a 38 crianças e/ou adolescentes”.

Os dados de 2007, destacam a alta rotatividade dos professores na escola: o corpo docente era composto por 28 professores nomeados e 32 contratados. No turno da tarde, os números eram ainda mais alarmantes, contemplando apenas 02 nomeados. Sobre esta situação, o Projeto Pedagógico da Escola (2008, p.04), descreve que “esta rotatividades de professores dificulta o planejamento e organização da escola, implicando, também na qualidade do trabalho, uma vez que não se estabelece um vínculo mais efetivo com os alunos”.

Porém torna-se importante pensarmos na escola como um reflexo da sociedade, pois além de fazer parte desta, é formada por seres sociais que vivem em determinado local e trazem consigo diferentes vivências. Esta afirmação nos remete as palavras de Mézáros (2005, p. 25) que diz que:

Poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais mais abrangentes de reprodução estão ligados. Conseqüentemente, uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança.

Como uma das ações para prevenir ou amenizar tais características, o Secretário Municipal de Segurança em exercício, Roberto Louzada enfatizou que o município está fazendo o possível para prevenir a violência entre os jovens, um exemplo disso é a implantação em 89 escolas da cidade, entre elas a Escola do loteamento, de Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE (DUARTE, 2008).

Estas comissões foram instaladas através da Lei nº 6,025, de junho de 2003, que criou o programa de prevenção de acidentes nas Escolas Públicas da cidade de Caxias do Sul. Com o objetivo de:

[...] observar as condições e situações de risco de acidentes e violência no âmbito escolar e arredores da escola, solicitar medidas para reduzir e até eliminar os riscos existentes, discutir os acidentes e violências ocorridas e solicitar medidas que previnam a repetição de eventos semelhantes (CAXIAS DO SUL, 2003, s/p).

De acordo com o Artigo 3º de sua instalação, à CIPAVE compete “desenvolver trabalho de prevenção de acidentes e violência, não só na escola, mas também no lar, no trânsito, na comunidade em geral, com o objetivo de estimular a mentalidade prevencionista na comunidade escolar” (CAXIAS DO SUL, 2003). Tais comissões assumem as responsabilidades que são das instituições que apóiam, como: Segurança Pública e Proteção Social, Secretaria da Educação, 5º Comando Regional de Bombeiros, Secretaria de Transportes e Mobilidade Humana e 12º BPM.

Com isso podemos perceber que a responsabilidade que deveria ser dos órgãos competentes, como o Poder Executivo Municipal, são repassadas aos cidadãos, neste caso, aos alunos, pais, professores, funcionários.

### 3 O VIVER NO LOTEAMENTO VILA IPÊ: A FALA DOS JOVENS

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade (HELLER, 2008, p. 31, grifos no original).

Com a compreensão de que a violência, como aspecto geral, influencia a vida cotidiana destes jovens e todas as suas ações e relações, pretendemos apresentar e analisar a fala dos jovens moradores do Vila Ipê, com relação a alguns aspectos da percepção que eles têm do loteamento. Para tanto, teremos como base, além do material empírico (observações, questionários e entrevistas), também as inferências realizadas anteriormente com relação à realidade e as peculiaridades destacadas sobre a comunidade.

#### 3.1 Os participantes da pesquisa e os instrumentos utilizados

Para dar conta do objetivo que propomos para este estudo, selecionamos sujeitos com idades entre quatorze e dezenove anos. Estes jovens foram escolhidos de forma intencional, por terem em comum o fato de residirem no Vila Ipê e terem estudado ou estudarem na Escola Ruben Bento Alves, de modo a dar mais confiabilidade ao trabalho.

O fato de estes jovens terem uma relação com a Escola do loteamento, apresenta um aspecto significativo do trabalho, que é o contato próximo que a pesquisadora tem com os sujeitos da pesquisa por ter sido professora nesta Escola. De acordo com Minayo (2007, p. 68):

[...] ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador. Em lugar dessa atitude se constituir numa falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento e da própria objetividade.

Essa proximidade entre as partes possibilitou uma melhor elaboração nas respostas das questões, em especial as das entrevistas, o que se avalia ter sido um aspecto relevante, pois em geral, os jovens respondem às interpelações de forma objetiva, o que se refletiu aqui. Porém a relação com o entrevistado possibilitou um diálogo mais próximo e revelador sobre as suas condições de vida.

Neste sentido:

o que torna o trabalho interacional (ou seja, de relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de coleta de informações para as pessoas é a possibilidade que tem a *fala* de ser reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores e crenças e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor (MINAYO, 2007, p. 63-64, grifos no original).

Com relação à definição de amostra por instrumentos utilizados para a aplicação do questionário, foram selecionados jovens que freqüentavam duas turmas de 8ª série na Escola Ruben Bento Alves no ano letivo de 2008. Dos quarenta e cinco jovens que participaram, trinta e três destes moravam no Vila Ipê, sendo quinze do sexo feminino e dezoito do sexo masculino. Os outros doze, moram nos bairros e loteamentos vizinhos (*Canyon*, Santa Fé, Parque Oásis, Santo Antônio e Veneza). Para fins deste estudo validamos somente os dados dos moradores do Vila Ipê.

Para compor a amostra de entrevistados, buscamos quatro jovens, com idades de quatorze e quinze anos, sendo que dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, que serão identificados no texto como “Ent. 01”, “Ent. 02”, “Ent. 03” e “Ent. 04”. As entrevistas aconteceram nas residências dos jovens, sempre com a concordância dos entrevistados e com a autorização dos responsáveis mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Com relação às observações, estas foram realizadas em dois pontos estratégicos de encontro dos jovens, ambos próximos a Escola. Elas aconteceram entre o segundo semestre de 2008 e o primeiro de 2009, no entanto no segundo semestre de 2009 houve retorno para maiores esclarecimentos. Estas aconteceram principalmente nos turnos da manhã, da tarde e apenas duas realizadas à noite.

## 3.2 Análise dos dados

A partir dos dados coletados, elencamos algumas categorias que se apresentam como momento de síntese do estudo. Tais classificações foram se construindo durante todo o processo investigativo, pois além de se mostrarem como preocupações, também se destacaram como principais aspectos evidenciados quando os jovens são questionados sobre o local onde vivem. Com isso apresentamos as seguintes categorias: A percepção do Vila Ipê como lugar de moradia, as opções de esporte e lazer dos jovens no loteamento e o estigma de violência e seus desdobramentos.

### 3.2.1 A percepção do Vila Ipê como lugar de moradia

A superação de uma visão meramente espacial do espaço público, que encerraria como foco de análise os espaços de domínio público (e de propriedade ou de uso público) enquanto passíveis de usufruto pela população em geral, permite um estudo mais abrangente sobre o cotidiano dos moradores da Metrópole (FERREIRA, 2007, p. 10).

Ao situarmos a percepção do Vila Ipê, como lugar de moradia, pretendemos ir além das condições espaciais, ou do simples habitar a Vila, como poderíamos nos referir. Com essa inferência, esperamos realmente compreender, como os jovens moradores do loteamento entendem o local onde moram, estudam e passam grande parte de sua vida. Para tanto, procuramos identificar o que se salienta quando estes jovens analisam a sua realidade e também, com que intensidade o fator violência aparece.

Dessa forma, a partir das suas falas, apontamos para diferentes possibilidades que serão destacadas a seguir. Alguns entendem o loteamento através da sua descrição, pois enfatizam principalmente a infraestrutura do local. Outros relatam pela sua vivência no lugar, definindo se é um lugar “bom” ou “ruim” de se morar e se “gostam” ou “não gostam” de viver no Vila Ipê, justificando suas predileções. Com isso percebemos as diferentes formas de apreensão da realidade que estes jovens têm quando se referem a sua comunidade.

Quando buscamos aqueles que definem o local onde moram, descrevendo sua infraestrutura, conseguimos identificar que a comunidade “[...] tem uma Unidade Básica de Saúde, supermercados, campos públicos, tem acesso a transporte (ônibus), uma escola (Ruben Bento Alves), 2 entidades, uma escolhinha infantil” (Quest. 25); “Tem postinho, mercados, policiais etc” (Quest. 29); “Tem muitas pessoas, casas, escolas, pobrezas, pontos de drogas, crianças” (Quest. 02).

Já com os que percebem o Vila pelas suas necessidades, afirmam que “o bairro não tem farmácia e não tem área de lazer” (Quest. 21). Essas são duas antigas reivindicações dos moradores do Vila. Com relação à inexistência de uma farmácia, quando necessitam de alguma medicação ou produto, precisam ir a outros bairros, principalmente na região central da cidade, pois aproveitam para realizar outras atividades, como compras de outra natureza.

Observamos que para sanar esta ausência em outros bairros da cidade, os moradores fazem uso do serviço de tele-entrega. Para o Vila Ipê, inexistente esta possibilidade, pois os *motoboys* e mesmo os taxistas, em geral não atendem esta parte da cidade, por receio da violência. Com relação ao tocante, falta de área de lazer, trataremos em um próximo momento.

Essas descrições denotam a importância que tem a infraestrutura para que o local seja considerado, de acordo com os jovens, “bom” ou “ruim” para se morar. Tais descrições acentuam aspectos os quais eles sentem falta, entre eles, as questões de infraestrutura urbana ganham destaque. Por trás desta compreensão está a percepção que os grupos dominantes demonstram quando se referem ao entendimento de periferia, ou seja, sob a noção de ausência de algumas condições, neste caso, a de infraestrutura.

Neste sentido, o loteamento, que foi planejado com uma infraestrutura mínima para atender as demandas dos seus habitantes, após três décadas de implementação, continua basicamente com as mesmas estruturas públicas, sendo elas: o Centro Comunitário, a UBS e a Escola de Ensino Fundamental. O restante trata-se de entidades de parceria público-privado ou de estabelecimentos voltados ao consumo privado. Com isso, percebemos a falta de maiores investimentos públicos no local, pois com exceção da atual reforma na UBS, da pequena área de lazer recentemente em construção, da Escola Estadual há anos em construção e de algumas ruas há algum tempo asfaltadas, o restante não passa de promessas de campanhas eleitorais.

Ainda com relação a infraestrutura, alguns jovens apontam para a destruição dos espaços públicos que já existiram no loteamento. Esta situação é enfatizada nas seguintes falas: “o bairro aonde eu moro é muito desorganizado, as pessoas destroem os parquinhos e ainda reclamam com a prefeitura” (Quest. 23). “[...] já teve coisas para crianças/adolescentes e todo o povo. Mas os vândalos destruíram” (Quest. 28). Ou ainda, “o problema é que tem pessoas que não colaboram e algumas coisas são destruídas, e por isso às vezes se mostra um lugar mal cuidado” (Quest. 27).

Estes depoimentos enfatizam duas situações: uma relativa à depredação dos espaços, que é uma realidade no Vila Ipê, sendo este um dos motivos de a Unidade Básica de Saúde estar em reforma; e, a segunda, refere-se à ausência de manutenção dos locais por parte do poder público, que também é uma realidade no loteamento, visto que tais ações só acontecem em caráter de urgência, por exemplo, quando em 2009 a Escola foi parcialmente destruída por ventos fortes.

Outro aspecto de destaque no Vila é a relação que a comunidade, em especial os jovens, tem com a rua. A rua é um: “[...] espaço público de circulação. Espaço público no sentido de local de todos, local de passagem, lazer, tráfego, manifestações, debates, informações, decisões, vida” (MALFITANO, 2007, p. 146). Para além de ser um local público de circulação, é um espaço de encontros, de convivência, de lazer, entre outros.

Nas ruas percebemos a vida do loteamento e quando os jovens o descrevem a partir da sua compreensão, a maioria afirma que o Vila é um local calmo. Outros dizem que “[...] não é calmo, principalmente nas esquinas [...]” (Quest. 15), ou ainda, que “[...] é muito movimentado” (Quest.12). No entanto essa que poderia ser uma contradição é justificada pelas seguintes falas que conseguem definir o local: “Meu bairro é barulhento de dia e de noite é bem calmo [...]” (Quest. 18) e “nos fins de semana, não há muito movimento” (Quest. 27).

Esses depoimentos ratificam que durante a semana há uma grande movimentação no loteamento, sendo maior principalmente nos horários de entrada e saída da escola. Porém a tranquilidade do Vila aos sábados e domingos é também muito significativa, sendo rompido pela circulação principalmente de crianças e jovens, seja como deslocamento para realizar alguma atividade, jogando algum esporte em especial o futebol, fazendo algum tipo de brincadeira, ou mesmo com carros que circulam com som alto. Destacam o que ocorre aos domingos, a

existência de um “som”, como eles descrevem, fazendo referência a um bar com música ao vivo, situado na Avenida principal que inicia suas atividades às 11h da manhã e encerra somente quando a noite se aproxima. Neste local, há a concentração de moradores do loteamento e de bairros vizinhos.

Evidenciamos ainda, nas falas dos jovens a percepção de outros aspectos que permeiam o cotidiano da comunidade, como a desigualdade social e a violência que são deflagrados a todo o momento. Essa compreensão salienta-se na seguinte fala: “[...] acho eu que é o melhor bairro, claro que tem tráfico, casas pobres, etc. Mas tenho orgulho do bairro onde moro” (Quest. 06).

A percepção que os jovens têm dessa desproporcionalidade social fica evidenciado na seguinte fala: “[...] tem muitos meninos e homens catando latinha, ferro, tem muita desigualdade, etc.” (Quest. 20). Com relação à violência, fica claro em diversos momentos que existe no loteamento algumas manifestações, porém dentro da comunidade ela não é compreendida como um estigma e sim como parte do seu cotidiano.

No entanto, mesmo que o Vila Ipê apresente fragilidades como as descritas pelos próprios jovens, percebemos que, em geral, eles veem o loteamento como um local “bom” de se morar e de viver. Neste sentido, justificam a afirmativa de diferentes formas: “Moro aqui e gosto de meu bairro, ele é calmo e a convivência é ótima” (Quest. 01); outros porque é “bom, com várias ruas um lugar bom de morar” (Quest. 03). E ainda, esta que demonstra que “aqui é bom de morar, eu não quero sair da zona norte [...]” (Ent. 02).

Quando eles afirmam que o Vila Ipê é um lugar “bom” de se morar e viver, as amizades e a convivência com as pessoas são os fatores que mais se destacam. Justificam dizendo: “Eu gosto [...] da convivência que eu tenho com as pessoas aqui [...]” (Ent. 01); que “é legal morar aqui porque tenho muitos amigos” (Quest. 11). Ou que “as pessoas, os vizinhos (não todos) são legais” (Quest. 27).

Com relação a esta convivência, Mayol (1996, p. 39) diz que ela [...] representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos [...]. Esses benefícios se justificam a medida que a convivência torna-se um contrato implícito e, como afirma a autora, “por esse “preço a pagar” (saber “comportar-se”, ser “conveniente”), o

usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana” (p.39).

A violência é uma realidade no contexto do loteamento Vila Ipê, seja a violência urbana, sob a manifestação de homicídios e tráfico de drogas, ou a violência estrutural, sob a negação de direitos. No entanto, essa realidade tratada fora da comunidade é entendida como um estigma.

### 3.2.2 As opções de lazer dos jovens no loteamento

Acreditamos que as atividades de lazer revelam uma possibilidade de inserção crítica na realidade contextual e histórica de um grupo, onde cada membro que o compõe assume o papel de um sujeito coletivo que cria e recria a própria prática - isto é, o próprio lazer -, percebendo-se ainda como “fazedor” e “refazedor” do próprio mundo (MASCARENHAS, 2000, p. 110).

Neste momento, pretendemos além de identificar as opções de lazer dos jovens no loteamento, entender se eles estabelecem relações com a violência. Essa questão justifica-se porque as políticas sociais, em sua maioria, enfatizam a premissa de que o lazer possibilita retirar os jovens das drogas e/ou auxiliam na erradicação da violência.

Assim, para ampliarmos a nossa compreensão, assinalamos, primeiramente, o entendimento de lazer “como força de reorganização da vida social, colaborando para a construção de novas normas, valores de convívio e para o questionamento da ordem vigente” (MASCARENHAS, 2000, p. 17).

A partir desta compreensão, quando buscamos analisar as opções de lazer, torna-se importante realizar a luz de elementos fundamentais que constituem as políticas públicas de lazer: os espaços públicos disponíveis, os equipamentos específicos, os projetos e ações de democratização de tais políticas. Neste sentido, a percepção que temos após os levantamentos realizados no Vila, deixa evidente a escassez destes três fatores, ao contrário do que acontece em outros bairros da cidade, em especial, da região central e dos bairros nobres, dentre os quais evidenciamos, parques, quadras, pistas, equipamentos ginásticos, entre outros.

Ao analisarmos as condições com relação aos espaços para as práticas de lazer dos jovens, fica evidente a sua inexistência, enfatizadas, inclusive, nas falas a seguir: “Não tem áreas de lazer [...]” (Quest. 03); “[...] não tem nenhum lugar para praticar nenhum tipo de esporte principalmente futebol” (Quest. 18). Ou ainda na fala de outro jovem que diz:

não tem parque, não tem lugar pra andar de bicicleta, não tem esses lugar assim, mas diz que estão construindo uns ali no Belo né, uma quadra esportiva pra toda essa região. Não sei se o pessoal do Vila Ipê pode frequentar, não sei, mas estão construindo (Ent. 04).

Estes depoimentos denotam a falta de locais próprios para a prática de tais atividades, como as que citamos para identificar a região central. E como apresentaremos a seguir, existem espaços de lazer, porém, são construídos pelos próprios praticantes da atividade ou são utilizados os existentes nas instituições presentes no loteamento.

A carência desses espaços, de equipamentos ou de ações voltadas para o lazer, no senso comum, leva a sua ligação com o fator violência, afirmando a premissa de que a falta de lazer leva a violência, ou no caso, a não ocupação do tempo livre leva a esta consequência. Porém, os jovens da comunidade não percebem muito clara a afirmação de que a falta de equipamentos e espaços públicos de lazer são um dos motivos para a existência da violência no loteamento.

Esta compreensão é corroborada pela sociedade em geral, principalmente quando o lazer é entendido como ocupação do tempo livre para evitar a ociosidade. Mesmo que os jovens também não tenham clareza de que a violência está diretamente vinculada à desigualdade social, proveniente do atual sistema econômico, também não demonstram entender que há ligação entre lazer e esporte com a violência.

Uma preocupação que temos é o fato de os governantes entenderem a inserção do lazer no cotidiano das periferias como forma de prevenção da violência, como tem sido veiculado constantemente na mídia quando se referem aos projetos ligados especialmente a Zona Norte. Neste contexto está a construção do Complexo Esportivo localizado na divisa dos bairros Belo Horizonte e Portal da Maestra e o ginásio de esportes no bairro *Cânyon* que integra especificamente o Programa de Prevenção da Violência do governo do Estado. Essas ações colaboram para afirmar o elo entre violência e lazer. Dessa forma, a visível inexistência do lazer no Vila Ipê, reafirma o estigma de violência da comunidade.

A escassez, principalmente de espaços, faz com que os jovens organizem locais alternativos para suas práticas. Destacamos um campo de terra batida que eles denominam de “campinho”, utilizado em grande medida para a prática do futebol. Segundo a fala de moradores do Vila Ipê, este local foi construído pelos próprios praticantes do esporte por sentirem a necessidade de terem outro espaço que não somente o escolar. Também há a parte da frente da escola, como eles descrevem, referindo-se a lateral, onde existe uma área sob a linha de transmissão, que, como explicamos anteriormente, não pode ser utilizada para construção de nenhuma natureza, assim como não poderia comportar aglomerado de pessoas. No entanto, os jovens nos finais de tarde e, principalmente, nos finais de semana se organizam nestes espaços para jogar futebol com goleiras improvisadas, o que incorre em risco para a sua saúde.

A falta de espaço adequado impele os jovens a se articularem e criarem locais para a sua prática. Como argumenta Ferreira (2007, p. 119) quando diz que “da observação do cotidiano dos moradores, apreende-se a sua capacidade de superação da ausência de uma estrutura mínima de áreas de lazer”.

Entre os locais existentes no loteamento para a prática de atividades de lazer, que pertencem a alguma instituição, são citados: o Centro Educativo Flor do Ipê, o Pátio do Posto de Saúde (UBS), e o Centro Assistencial e de Promoção Social Joana d'Arc. Com exceção do “postinho”, em que se apropriam do estacionamento para jogar de forma espontânea, as outras atividades obedecem a função específica de cada instituição e não como lazer.

Neste sentido, fica evidente entre os jovens, a importância da Escola como local com estrutura física própria para tais práticas. Mesmo em condições precárias, os espaços existentes na escola são importantes e utilizados, tanto em horários das atividades escolares, quanto em outros diferenciados, por alunos e pela comunidade em geral. De acordo com a Proposta Pedagógica da Escola (2008, p. 03) onde está registrado que:

em relação ao aspecto cognitivo, observamos que os alunos entendem a escola como espaço de lazer e encontro com os amigos. Estabelecem confrontos interpessoais, trocam experiências do entorno social e alguns vêem a escola como espaço de construção do conhecimento e aprendizagem.

A Escola, além das atividades diárias, que alguns também tratam como lazer, eles ainda frequentam estes espaços aos domingos onde a Casa da Redenção mantém entre outras atividades, a escolinha de futebol já referida anteriormente. Esta atividade é muito significativa para os jovens, pois não raro apareceram depoimentos como os seguintes: “nos domingos a escola abre, tem a quadra de vôlei e basquete” (Quest. 16), ou ainda, “[...] no domingo a escola abre para jogar futebol” (Quest. 14). Neste sentido, a escola adquire relevância no Vila para além da educação formal, pois possibilita principalmente a convivência dos jovens.

É importante enfatizar que houve um período em que a escola, mesmo com a falta de lugares de lazer no Vila, não apoiava a prática de atividades a não ser as ligadas ao calendário escolar. Este fato acarretava invasões constantes, assim como repetidas depredações do muro da escola, situação que foi revertida com a abertura para projetos desenvolvidos aos sábados e domingos e para atividades para além da sala de aula.

A precariedade com relação aos espaços, por vezes trás a indignação dos jovens, que fica clara na fala da entrevistada a seguir: “Ah, eu acho que deveria [...] ter mais [...] área de lazer, tipo aqui no bairro não tem nada, mas nos bairros vizinhos tem bastante, aqui não, aqui ficou de ser feito alguma coisa, mas não [...] foi feito até hoje” (Ent. 01). A fala acena para a presença de áreas de lazer em bairros vizinhos e para as promessas dos governantes em períodos eleitorais.

Um fator de grande importância com relação ao lazer destes jovens é a utilização de espaços de bairros vizinhos, o que demonstra que a escassez destes locais no Vila, não impede a prática de atividades. Entre os mais citados, aparecem o campo de futebol no Colina do Sol, o campo do Santo Antônio, o Veneza, aonde tem uma quadra e um parquinho infantil e também um “campinho” pequeno no lado das firmas no Loteamento Novo, perto do bairro. Quando os jovens justificam esse deslocamento para a prática de lazer, em geral dizem que no Vila Ipê “não tem nada e se a gente quiser jogar bola tem que ir noutro bairro longe daqui e lá é muito perigoso, vai bastante maconheiro” (Quest. 24).

Sob a compreensão do lazer utilizado como discurso eleitoral, alguns jovens entendem que a ausência de áreas de lazer acontece “[...] porque eles não fizeram ainda, e tem espaço de sobra” (Quest. 12). Esses “eles” refere-se a prefeitura ou aos políticos que prometem a construção de áreas de lazer, mas quando passa o

período eleitoral esquecem tais promessas. É importante lembrarmos que o esporte e o lazer são ótimas plataformas de governo em bairros que não têm tais possibilidades. A partir desta compreensão, fazemos novamente uma inferência a área sob os fios de alta tensão, a qual segundo moradores muitas vezes foi cogitada a implementação de espaços de lazer, no entanto sabemos da impossibilidade de construções, o que demonstra por parte dos candidatos, o descaso com a comunidade.

Dentro desta lógica, a precariedade ou inexistência de investimentos por parte do governo municipal para a área do lazer no Vila é evidente. Encontramos apenas um de infraestrutura, que é a construção de uma área de lazer ao lado do Salão da Associação Comunitário que nos referimos anteriormente. E quando pensamos na oferta de opções referentes a temas da cultura corporal, encontramos dois projetos, um da UBS Vila Ipê que tem um “[...] grupo de idosos que se reúne no Centro Comunitário para fazer ginástica (Quest. 25) e outro já citado, neste mesmo Centro, que é um projeto de ginástica da SMEL para pessoas a partir de 20 anos. Mas atualmente nenhum destes funciona, um dos motivos é o Centro Comunitário estar sendo ocupado pela UBS Vila Ipê.

A visível escassez de espaços, equipamentos e projetos limita as opções de lazer destes jovens e da comunidade em geral, sendo que estes mesmos apontam em uma das entrevistas que:

Eu acho [...] que deveria [...] ter [...] um espaço pros jovens ou até as pessoas mais [...] adultas, [...] terem um momento pra tipo ta ali jogando um futebol, um vôlei, alguma coisa assim [...] pra ocupar também o tempo e não ter nada pra fazer. Acho que deveria de ter isso, não só futebol vôlei, mas bastante atividades [...] (Ent. 01).

Mesmo com as dificuldades, os jovens apontam para algumas das atividades de lazer realizadas por eles, que quando acontecem nos limites do loteamento, se restringem praticamente a três espaços: o da casa, o da rua e o da Escola. Entre estes, o mais utilizado, é o da rua, para práticas variadas como: Jogos (taco, caçador), para caminhar, para correr, para andar de bicicleta, para fazer esportes, entre outros. Dessa forma, destaca-se mais uma vez a importância deste espaço para a convivência destes jovens. Porém, sabemos que a rua, da forma com que se apresenta não é um espaço próprio para estas atividades, pois podem acontecer acidentes, principalmente atropelamentos. Mas, se não existem locais

próprios para a utilização do seu tempo livre, há a necessidade de buscar alternativas para suprir esta ausência, na qual a rua sempre é uma boa opção.

Ferreira (2007, p. 42) concorda com estas questões quando nos diz que:

no que se refere aos espaços livres, as formas de apropriação em bairros centrais e bairros periféricos diferem enormemente. O lazer periférico, apropriando-se de terrenos vazios, campos de várzea, ruas de pouco movimento etc, supre a ausência de espaços projetados e mantidos pelo poder público com improviso. A precariedade do espaço (sub)urbanizado limita as possibilidades de uso pela população; no entanto a necessidade de encontrar alternativas leva a população a transgredir o uso das ruas, de terrenos baldios, de praças abandonadas. Criam-se assim as condições para a “prática” do lazer.

A busca por estes espaços alternativos, para a realização de atividades, principalmente para o jogar, nos leva a compreensão do significado próprio, que tem esta atividade para os jovens, ou seja, como destaca o Coletivo de Autores (1992, p. 62) que o “[...] sentido pessoal do jogo tem relação com a realidade de sua própria vida, com suas motivações”. Entendemos ainda, NA MESMA OBRA que “o jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.66). Portanto, as regras impostas no jogo, refletem a sua realidade, muitas vezes possibilitando a compreensão da mesma, pois há no jogo uma reprodução das normas e regras sociais.

Entre o sexo feminino os esportes ficam entre os mais citados, sendo vôlei e o futebol em primeiro lugar, praticados na Escola ou na rua. E mais timidamente aparece o basquete, pois na Escola, há pouco tempo haviam afixado as tabelas, iniciando as práticas de forma sistematizada, pois antes não existia equipamentos próprios para a prática. Com relação a este conhecimento apreendido na escola, o Coletivo de autores (1992, p.70) diz que, de posse dele, “[...] o aluno poderá organizar sua prática esportiva fora da escola e/ou socializá-la com a sua comunidade”. Com relação ao basquete, não somente as meninas, mas também os meninos por algum tempo organizaram praticas na rua, com cestas improvisadas.

Específico entre os jovens do sexo masculino, o que se destaca é o jogar vídeo game, porém, o futebol, como segunda opção de lazer, tem uma conotação muito importante, principalmente por existirem em Caxias do Sul, duas equipes de futebol que integram o cenário nacional, o Esporte Clube Juventude (1913) e o

Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias (1935). A partir desta relevância, alguns desejam participar das escolas de futebol dessas equipes almejando integrar as categorias de base e a equipe profissional. Mas esta possibilidade não passa de um desejo inatingível pela maioria destes jovens, que acaba por transformar o lazer em possíveis oportunidades profissionais e de destaque social.

O futebol, fenômeno cultural “[...] faz com que, num país como o Brasil, as diferenças econômicas, políticas, culturais e sociais, de repente, pareçam inexistir no momento de realização de um gol” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 72). Para os jovens do Vila Ipê onde o futebol é “[...] sempre jogado na rua nas frentes das casas” (Quest. 10), ele torna-se uma possibilidade de transformação de sua situação social, principalmente pela influência que os diferentes veículos midiáticos (jornal, rádio, televisão, etc.) produzem nas subjetividades juvenis ressaltando os exemplos de jogadores de futebol pobres que se tornaram ídolos famosos.

Entre as atividades que se aproximam das características da juventude, estão: assistir TV, escutar música, acessar o computador, jogar vídeo game, a convivência com os amigos, namorar. Dessa forma, percebemos o destaque para o uso dos aparelhos eletrônicos e para a convivência com as pessoas. Aparece também entre estas, algumas ligadas a escola, como: escrever, estudar, ler, desenhar, ou mesmo ajudar em atividades na escola. Entre os meninos as menos citadas foram, a participação em uma banda, freqüentar academia, fazer musculação “em casa”. Ainda, atividades como o pular corda, pular amarelinha e o caçar passarinho, atividade muito significativa, pois não é raro eles faltarem aula para realizar esta prática.

Com relação às atividades realizadas pelos jovens em seu tempo livre percebemos que eles inserem em suas atividades de lazer também algumas atividades utilitárias presentes em seu cotidiano, onde as meninas consideram como lazer, o limpar ou arrumar a casa ou o jardim e o fazer chapinha. E entre os meninos só um identifica o ajudar o pai como lazer. Dentro desta mesma concepção enquadram-se como lazer para ambos, o comer, o dormir, e até mesmo o não fazer nada.

É relevante a lembrança de que o lazer não é entendido aqui como descanso, mas sim, como um direito fundamental de todo o cidadão e desta forma, um dever do Estado contemplado na Constituição Federal (BRASIL, 1988). A partir

desta compreensão, faz-se de suma importância a implementação de políticas públicas para o lazer, como formas de dotar de sentido o tempo livre.

De acordo com Húngaro (2005), o desmonte no aparato estatal, faz com que os direitos sociais como a saúde, a educação deixem de ser responsabilidade do Estado e passem a ser apenas uma questão de solidariedade para a comunidade. O autor questiona, se para estes direitos considerados prioritários o Estado transfere a responsabilidade, que postura adota com os direitos ligados a prática esportiva, ao lazer e as manifestações da cultura de movimento.

Mesmo sendo um direito social, tanto o lazer, quanto a saúde, a educação entre outros, são utilizados como formas de dominação. Essa lógica vai ao encontro de um aspecto que pretendemos elucidar que é a questão da escolha. Quando os serviços como, por exemplo, a saúde era estatizado, esta tinha obrigação de ser de qualidade, mas com o desmantelamento do Estado e com a privatização de todos os serviços, a responsabilidade passou para o dito “consumidor”. Ele passou a ter escolher qual empresa oferece maior qualidade em serviços.

Nesta situação, a qualidade depende do valor investido, quanto mais alto maior a qualidade. No caso do lazer, se não existe a oferta de espaços e equipamentos públicos para a sua realização e os órgãos responsáveis não tem ações concretas, diminuem as opções de lazer, principalmente nas regiões periféricas das cidades, como o caso da Vila Ipê.

Quando interpelados sobre, se fazem as atividades citadas por escolha própria, as respostas vêm, em sua maioria, no sentido de que “as atividades são porque eu escolho e as que eu gosto mais” (Quest. 24). A partir das condições sociais que estão inseridos quando alguns descrevem que fazem tal atividade “por falta de opções porque se tivesse uma quadra de esportes eu jogaria nas horas livres. E seria mais seguro” (Quest. 20).

O cenário mundial, em que os hábitos cotidianos e os lazeres, são alterados com tamanha rapidez, se faz necessário ampliar investimentos nas áreas de lazer. Há necessidade de políticas públicas que democratizem o acesso as mais variadas opções de lazer. Contudo, percebemos que não há relação direta entre a carência de lazer e a violência como enfatizam as políticas sociais para a juventude e o senso comum via mídias. Tais relações descaracterizam o lazer, sendo utilizado como medida paliativa na prevenção da violência e não como condições de emancipação humana.

### 3.2.3 O estigma de violência e seus desdobramentos

A sociedade limita e delimita a capacidade de ação de um sujeito estigmatizado, marca-o como desacreditado e determina os efeitos maléficos que pode representar. Quanto mais visível for a marca, menos possibilidade tem o sujeito de reverter, nas suas inter-relações, a imagem formada anteriormente pelo padrão social (MELO, 2005, p. 03).

A violência como destacamos no processo de construção do estudo, é um dos aspectos mais destacados no Vila Ipê, pois o loteamento carrega este estigma, por apresentar no seu cotidiano cenas de violências e serem estampadas nos meios de comunicação. Neste momento da pesquisa, faremos alguns apontamentos com relação às influências do estigma em seus moradores, especialmente nos jovens, no que se refere aos estudos e ao trabalho fora do território do loteamento.

O estigma apresenta duas possibilidades de assimilação, como argumenta Andrade (2010, p. 125), a de aceitação “[...] num contexto que pode levá-lo ao estado de ‘vítima’, utilizando o atributo como justificativa para seu fracasso ou, ao contrário, o fato de ter consciência de si mesmo, pode provocar revolta contra o pensamento preconceituoso”.

Percebemos que os jovens do Vila Ipê, em geral, não se intimidam com essa marca, pois não associam o loteamento somente com a violência. Eles têm claro que o estigma acontece, segundo descreve Andrade (2010, p. 107), como:

[...] fatos isolados de violência por parte de alguns moradores que, em razão de suas características e ações, passou a generalizar o comportamento social de modo linear a todos os moradores, ampliando o sentimento de rejeição e de marginalidade, resultando num profundo descrédito social.

Os jovens percebem que o estigma influencia as suas vidas, porém isto não causa constrangimento, antes, como expõe Andrade (2010), causa revolta contra o pensamento preconceituoso<sup>9</sup>. A influência se reflete principalmente no âmbito do

<sup>9</sup> O preconceito pode ser individual ou social. O homem pode estar tão cheio de preconceitos com relação a uma pessoa ou instituição concreta que não lhe faça absolutamente falta a fonte social do conteúdo do preconceito. Mas a maioria de nossos preconceitos tem um caráter mediata ou imediatamente social. Em outras palavras: costumamos, pura e simplesmente, assimilá-los de nosso

estudo e do trabalho, motivos os quais levam os jovens a saírem do loteamento. A fala a seguir é ilustrativa: “[...] no começo da aula, geralmente nos primeiros dias de aula a professora pergunta o teu nome, bairro de onde vem: Vila Ipê. Fica. Êpa” (Ent. 01). Nesta fala o entrevistado expõe a visão de descrédito pré-concebida por parte de colegas e professores por ser morador do loteamento.

No âmbito do trabalho, a visão de descrédito também se repete, como explicita a fala a seguir: “tipo geralmente o pessoal que fala num curso, alguma coisa, tu vai procurar emprego... Também, tu fala assim, Vila Ipê [...] pessoa fica com um pé na frente e o outro atrás [...]” (Ent. 01).

Entendemos que essas visões pré-concebidas podem acarretar problemas para estes jovens, tendo em vista as características da sociedade atual. Mas a compreensão que possuem da sua condição social os conduz a superação do que poderia ser um fator preponderante de fracasso. Conforme Andrade (2010, p. 135), “o grupo social estigmatizado, à medida que adquire consciência de si, passa a ter novas idéias e novos ideais político-sócio-econômicos. Procura buscar alternativas para superar suas necessidades e progredir”.

Porém, o entendimento que a sociedade Caxiense tem do loteamento, de local violento, é ratificada pelas falas dos jovens que descrevem que: “Geralmente pras pessoas é assustador ouvir que tu mora no bairro Vila Ipê. [...]. Só que isso, um dia foi assim, [...] mas hoje em dia não é mais aquela coisa, assustadora” (Ent. 01). Ou que se ouve “muita coisa ruim, que o Vila Ipê tem muito marginal essas coisas né, mas não é tudo aquilo que eles falam assim [...] coisas boas que acontece aqui ninguém fala” (Ent. 02). “É meio difícil ouvir alguma coisa boa, só se eu ligar pra rádio e dizer assim [incompreensível]” (Ent. 02).

A marca também se manifesta em atitudes defensivas ou de ameaça por parte de alguns, como explicita este depoimento “[...]. As pessoas mesmo do bairro tem algumas que falam assim: [...] eu sou do Vila Ipê, então tu te cuida [...]” (Ent. 03). A atitude defensiva com relação a marca do loteamento segundo os entrevistados não é mais tão forte quanto no passado. Esta situação se justifica na seguinte fala, que diz que a muito tempo atrás o Vila Ipê “era perigoso, era mais fechado, mas

---

ambiente, para depois aplicá-los espontaneamente a casos concretos através de mediações (HELLER, 2008, p.71).

cheio de mato [...] tinha pouco acesso, era mais longe [...] teve uns rapaz que estupravam as gurias na parada de ônibus” (Ent. 04).

Quando questionamos os jovens sobre a percepção do loteamento ser um lugar violento, eles são unânimes em discordar da afirmativa, como pode ser identificado nos depoimentos:

Como eu disse antes [...] tem alguma coisa que continua [...] acontecendo, mas antigamente [...] era direto, morte toda hora. Tu não podia sair de casa e deixar coisa no varal [...] podia voltar e não ter nada [...], hoje é bem diferente, ta bem mais calmo o bairro do que antigamente (Ent. 01).

Como eu disse, não acabou toda a violência, [...] tem ainda alguma coisa, mas acho que não seria pra tanto isso, [...] quem vive aqui não é a mesma coisa, [...] acho que não é nada tão grave [...] (Ent. 03).

No entanto, a maioria já presenciou alguma forma de violência no Vila Ipê e relatam: “Eu já vi, já mataram um aqui na frente de casa [...] eu não vi, mas eu ouvi, aqui no lado de casa também já [...]” (Ent. 02). Ou ainda

Eu tava passando pela rua e no campinho da rua de cima, a gente podia ver que [...] tava acontecendo tiroteios [...]. E até o cara que tava dando tiro no rapaz, entrou na casa dele pra matar ele [...]. Daí a gente conseguia ver antigamente. Às vezes na esquina da tua casa matavam alguém. Na frente da minha casa já teve um tiroteio (Ent. 01).

As cenas presenciadas por eles e a forma com que a sociedade Caxiense entende o Vila Ipê, associando a violência, faz com que tenhamos a compreensão de um aspecto importante a ser refletido, ou seja, a violência como algo “natural”. A naturalização da violência pode ser identificada em vários depoimentos, tais como: “meu bairro é calmo, às vezes acontece um tumulto ou outro, mas faz parte da vida” (Quest. 11); “meu bairro é calmo, mas às vezes matam uns 3 mas não dá nada (Quest. 16). Ou ainda, “o meu bairro é movimentado de vez enquanto, não tem muita violência, só as vezes que matam um, mas isso acontece em todos os bairros” (Quest. 14). Podemos perceber que há uma compreensão de que é normal a existência de violência nos bairros, que este fator não tem uma gênese social.

Nesta mesma direção a fala deste jovem demonstra que além de ser normal a existência de manifestações da violência também o é a oposição, a dualidade: “meu bairro é bom, tem pessoas legais e ruins, tem briga, intriga, tem amigos, inimigos, tem violência, tem paz, amor e ódio, traduzindo, é um bairro igual aos outros” (Quest. 08). A partir destas inferências verificamos um aspecto

preocupante com relação ao estigma de violência: o processo de naturalização que o envolve.

Embora o estigma influencie aspectos importantes para os jovens como a continuação de sua formação e a entrada na vida adulta através do trabalho, eles não atribuem muita importância. Isso se justifica por eles não entenderem o loteamento como um lugar somente de violência e por acreditarem que hoje a realidade é diferente da existente de anos atrás.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer fenômeno, qualquer objeto de conhecimento é constituído de elementos que encerram movimentos contraditórios, elementos e movimentos que levam necessariamente a uma solução, um novo fenômeno, uma síntese. No entanto, essa síntese não é solução definitiva, não significa que cessam as contradições, mas é apenas a solução de uma contradição, solução que já contém nova contradição (ANDERY; SÉRIO, 2003, p. 410).

Por meio da pesquisa que teve como objetivo *investigar a realidade dos jovens no Vila Ipê, suas opções de lazer e as influências causadas pelo estigma que foi construído sobre ela, de lugar violento*, realçamos algumas considerações, embora cientes da sua transitoriedade. Com isso, pretendemos retomar o problema colocado, com o intuito de contribuir para uma possível transformação da atual realidade social do loteamento.

Neste sentido, salientamos a importância da percepção da realidade concreta, identificando as relações e buscando ao menos pensar numa sociedade diferente da atual. Dessa forma, ao retomarmos a violência a entendemos como um sintoma da sociedade, compreendendo que ela assume no sistema capitalista a função social de manutenção da estrutura, impulsionada pela desigualdade social e pela pobreza.

Sabemos que a violência é um fenômeno de complexa compreensão, não sendo possível ser analisada isoladamente. No entanto, se refletirmos sobre ela como meio de satisfação das necessidades materiais, justificamos em parte a sua ligação com a desigualdade social que a gera. Neste sentido, a forma de combatê-la não se dá somente por meio de medidas repressivas, como as políticas de segurança pública e a repressão da criminalidade, nem mesmo com políticas compensatórias, mas com ações que atuem na gênese da problemática, tais como: distribuição de renda mais equânime, erradicação da pobreza, do desemprego e

redução do analfabetismo. Portanto, corroboramos com Minayo e Souza (1998, p. 528) quando afirmam que “o contrário da violência não é a não-violência, é a cidadania e a valorização da vida humana em geral e de cada indivíduo no contexto de seu grupo”.

Dentro deste âmbito, no Vila Ipê, ao contrário do que poderíamos tentar defender, ou seja, que a violência existente na comunidade é menor do que a divulgada pelos meios de comunicação, afirmamos que a violência no local é mais significativa. Esta proposição justifica-se porque o que nos apresentam constantemente na mídia são casos do que entendemos por violência urbana, em que existem vítimas diretas e que permeiam a sociedade caxiense, porém percebemos outras manifestações de forma velada, como a violência estrutural.

A violência estrutural em sua maioria não aparece na mídia e não adentra as nossas residências, porém quando ocorre algum homicídio ou há a descoberta de novos pontos de tráfico, iminentemente estampam as ruas da cidade, através dos meios de comunicação, o que confirma o estigma social do loteamento. Minayo (2006, p. 14), nos diz que isso acontece porque “a violência dominante na consciência contemporânea é a ‘criminal’ e ‘delinqüencial’. Esse tipo de fenômeno nunca teve a tolerância social, uma vez que ele fere, antes de tudo, a moral fundamental de todas as culturas”.

Com isso, não estamos fazendo a defesa de que a realidade do Vila deixe de ser veiculada pela mídia, mas questionamos o fato de não veicular outras notícias sobre o loteamento. Essa preocupação é cabível porque os meios de comunicação que são entendidos também como panóplias sociais contribuem para a reprodução de estigmas, cristalizando algumas premissas, como esta de que o Vila Ipê é um local puramente de violência.

Entretanto, existem outras questões que poderiam permear a mídia e de alguma forma contribuir para a resolução de algumas situações de forma imediata, em especial de infraestrutura urbana. No entanto, esta não é a maneira pela qual acreditamos que devam ser resolvidos os problemas, porém na mentalidade da maioria dos governantes, só há a resolução de alguma situação quando esta aparece nos noticiários e causa constrangimento à administração ou aos responsáveis.

A violência urbana mesmo sendo realidade na Vila, como em todo o contexto da cidade de Caxias do Sul, não representa a totalidade na comunidade. E

no âmbito da violência estrutural por envolver aspectos que exigem reformulação nas políticas públicas para as periferias, na maioria das vezes são esquecidas.

Sobre a compreensão da violência estrutural, encontramos no loteamento distintas manifestações. Na educação, por exemplo, uma escola de ensino médio de responsabilidade do governo estadual em construção há anos, que se estivesse em funcionamento diminuiria o grande deslocamento dos jovens para bairros tão distantes para continuarem sua formação. O grande acúmulo de lixo nos arredores do loteamento que como é citado, além de deixar o lugar “feio”, traz problemas tanto para o meio ambiente quanto para a saúde dos moradores. Outro aspecto, em destaque nesse estudo, é a inexistência dos espaços, equipamentos e projetos para a área do lazer.

Ao apreendermos a partir da violência, parte do cotidiano destes jovens, identificamos que mesmo que alguns deles tenham presenciado algum tipo de violência, ela é percebida dentro do loteamento de maneira condizente com a realidade e não da forma exacerbada como a retratada na mídia quando refere-se a violência urbana. Mesmo o Vila Ipê tendo este estigma como um dos aspectos significativos de seu dia a dia, os jovens têm uma relação muito forte com a comunidade. É perceptível que eles não tem vergonha de morar no Vila Ipê, ao contrário, têm orgulho e demonstram gostar de viver nele, sendo que as relações e vínculos de amizade e de vizinhanças aparecem como aspecto significativo para que o local seja um lugar agradável de morar.

Enfatizamos também, o quanto a infraestrutura é significativa para o cotidiano no loteamento e por outro lado que a mesma não tem tido muita atenção, tampouco planejamento em algumas áreas. A falta de infraestrutura em algumas delas faz com que principalmente os jovens tenham que buscar outras alternativas, sendo este, um fator de muitas reclamações. Entre essas, estão as carências que evidenciamos quando nos referimos a violência estrutural, em que destacamos a principal necessidade entre as diferentes áreas, o lazer. Este aspecto, que é um direito constitucional, no Vila Ipê não é respeitado, assim como em muitos outros bairros e loteamentos da cidade, em especial os periféricos.

Dentro desta realidade, as opções de lazer destacam-se como um dos aspectos de maior importância no cotidiano dos jovens e também de maior necessidade. Essa deficiência é visível nos três aspectos básicos de sua existência que estão relacionados às políticas públicas, ou seja, espaços e equipamentos

públicos e projetos e programas para a área. Essas políticas, além de incentivar, como são descritas nos diferentes documentos, precisam contemplar ações concretas.

Quando nos referimos aos espaços utilizados para o lazer destes jovens, destacamos a escola, as instituições, os bairros vizinhos e principalmente os locais alternativos, improvisados pelos próprios jovens, e também a rua que ganha amplo significado para eles. E entre as atividades realizadas, os temas da cultura corporal ganham destaque, principalmente os esportes, onde entre os quatro tradicionais, o futebol é o mais citado, especialmente jogado na rua. É importante enfatizar que quando realizam as atividades, qual for, segundo eles estas acontecem por escolha própria. De acordo com Mascarenhas (2000, p. 01) “[...] independente da forma conceitual que possa assumir, o lazer deve comportar sempre determinados conteúdos e características que o tornem expressão verdadeira da realidade em esteja inserido”.

Porém, mesmo que o lazer seja um direito fundamental, é tratado na maioria das vezes apenas no discurso, tanto nas plataformas e campanhas políticas quanto na sua utilização como medida preventiva na relação com a violência. As questões urbanísticas que tangenciam a temática do lazer vão além dos espaços físicos para a realização das atividades. Mesmo sendo responsabilidade do Estado em oferecer além de saúde, educação, emprego, também o lazer, é perceptível uma negligência maior por parte dos governantes com relação a este último, por não serem considerado como prioridade. Porém, mesmo que a falta de atenção também exista para as outras áreas, com relação ao lazer é preciso que os órgãos em cada nível estabeleçam políticas e ações mais efetivas com relação a estes direitos que não podem ser considerados secundários, principalmente por serem direitos fundamentais.

Quando pensamos nas políticas públicas vigentes no atual governo, é visto que elas estão cada vez mais voltadas às questões sociais. Fala-se tanto em inclusão social, porém é necessário e importante questionarmos as condições dessa inclusão. Principalmente, se é possível incluir as pessoas no modelo social em que estamos inseridos. Sob a nossa compreensão é necessário primeiramente a transformação do modelo de sociedade para que se possa incluir as pessoas e assim estabelecer oportunidades de igualdade social.

Dessa forma, tendo esclarecimento sobre o fato de que a violência não é compreendida como estigma no cotidiano do Vila, apontamos que ele tem seu desdobramento principalmente fora da comunidade. A influência da violência e do estigma construído dela no loteamento, quando nos referimos aos jovens e que podemos transferir a toda a comunidade, é relativa a algumas situações do cotidiano, principalmente quando ligadas ao estudo e ao trabalho, que são marcos na transição destes jovens para a vida adulta.

Portanto, almejamos com essas proposições tem contribuído para uma melhor compreensão das singularidades as quais nos propomos. E que este possa servir de ponto de partida para outras possibilidades investigativas, pois temos consciência de que temos aqui somente algumas das questões que merecem atenção na realidade social estudada. Com isso, concluimos, com as palavras de Sánchez Vásquez (2007, p.341) que nos diz que “o social não é um produto dos indivíduos, pelo contrário, os indivíduos que são um produto do social”.

## REFERÊNCIAS

ASSEMBLÉIA DA REPÚBLICA. Lei nº 11/82 de 2 de junho. Regime de criação e extinção das autarquias locais e de designação e determinação da categoria das povoações. Disponível em: <<http://www.povt.qren.pt/tempfiles/20080213151143moptc.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2010.

ANDERY, Maria Amália; SÉRIO, Tereza Maria. A prática, a História e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883). In: ANDERY, M. A. *et al.* **Para Compreender a Ciência: Uma perspectiva histórica**. 12 ed. Rio de Janeiro : Garamond; São Paulo: EDUC, 2003. cap. 22, p.395-420.

ANDRADE, Marisa de. **O Estigma da periferia**. Porto Alegre : DaCasa Editora, 2010.

ABREU, Alzira Alves de. O ministério público do estado do Rio de Janeiro: atuação e relação com a imprensa. In: GOMES, Angela Castro (coord.) **Direitos e cidadania: Justiça, poder e mídia**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2007.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

ARRUDA, Cristiele. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 20 mar. 2009. Unidade Básica de Saúde sofre com insegurança. Jornal. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&id=2446474&action=noticiasImpressa>. Acesso em: 15 jun. 2009.

BRASIL. Constituição Federal, 1988.

CAXIAS DO SUL. **Lei complementar nº 290, de 24 de setembro de 2007**. Institui o Plano Diretor do Município. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/uploads/planejamento/plano\\_diretor\\_lei.pdf](http://www.caxias.rs.gov.br/uploads/planejamento/plano_diretor_lei.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2010.

CAXIAS DO SUL. **Lei nº 6.025, de 12 de junho de 2003**. Cria programa de prevenção de acidentes nas Escolas Públicas da cidade de Caxias do Sul, através da instalação de Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar.

CBC. Capital Brasileira da Cultura. Notícias. Caxias do Sul conquista 1º lugar no Índice de Gestão Municipal em Cultura. 18 out 2009. Disponível em:

<[http://www.capitalbrasileiradacultura.org/cbc/?Url=Noticia2009\\_10\\_18](http://www.capitalbrasileiradacultura.org/cbc/?Url=Noticia2009_10_18)>. Acesso em: 21 nov 2009.

CENTRO ESPÍRITA CASA DA REDENÇÃO FRANCISCO XAVIER. Relatório de Atividades Sociais Ano – 2007. Disponível em: <[http://www.casadaredencao.org.br/relatorio\\_0107.html](http://www.casadaredencao.org.br/relatorio_0107.html)>. Acesso em: 15 jun. 2009.

CNESNet. Secretaria de atenção à saúde DATASUS. Cadastro Nacional de estabelecimentos de Saúde. Ficha resumida de cadastro. UBS Vila Ipê. 2009. Disponível em: <[http://cnes.datasus.gov.br/cabecalho\\_reduzido.asp?VCod\\_Unidade=4305102238985](http://cnes.datasus.gov.br/cabecalho_reduzido.asp?VCod_Unidade=4305102238985)>. Acesso em: em 13 de janeiro de 2010.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. (1): 53-76, jun. 2008.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo : Cortez, 1992.

DUARTE, Adriano. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 26 e 27 abr. 2008. Especial, p.20-21. Violência infanto-juvenil: Frágil rede de proteção.

EPTE - Engenharia e Planejamento em Transmissão de Energia. Faixas de linhas de transmissão de energia. Disponível em: <<http://www.epte.com.br/faixa.html>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2010.

FABRES, Ciro. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 maio 2009. Cotidiano. Golaço na zona norte.

FAS - FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Programas da FAS – Centros Educativos. Disponível em: <<http://www.recria.org.br/sobrearecria>> Acesso em: 13 jun. 2009.

FERREIRA, Paulo Emilio Buarque. Apropriação do espaço urbano e as políticas de intervenção urbana e habitacional no centro de São Paulo. 2007. 131f. **Dissertação** (mestrado em arquitetura e urbanismo habitat). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Habitat. Universidade de São Paulo.

GARZIERA, Tiago. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 28 jun. 2009. Homem é assassinado no Vila Ipê. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&id=2561238&action=noticias>> Acesso em: 17 nov. 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Portuguesa S/C Ltda. – 3.ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2009.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HÚNGARO, Edson Marcelo. As transformações sociais recentes e as políticas sociais: pressupostos para se pensar o esporte e o lazer como direitos sociais na contemporaneidade. in: XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2005, Porto Alegre. **Anais do...** Porto Alegre: 2005. p. 3204 – 3215.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. Rio Grande do Sul. Caxias do Sul. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10 jun. 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados Básicos. Disponível em:  
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430510>> Acesso em: 10 jun. 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População jovem no Brasil: a dimensão demográfica**. Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao\\_jovem\\_brasil/comentario1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf)> Acesso em: 10 jun. 2009.

INSTITUTO METHODUS. O Jornal mais lido do RS. Disponível em:  
<<http://www.methodus.srv.br/downloads/pesquisajornal.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2009.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2ª ed. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1976.

LAZZAROTTO, Valentim; VALENTIM, Joceli. (Coord). **Vilas & bairros: a história contada pela comunidade**. Caxias do Sul : Gráfica da SMEC, 1986.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul 1875/1950**. Caxias do Sul : Maneco Livraria & Editora, 2001.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Espaço público e rua. p. 145-146. In: **Palavras chave em Educação não-formal**. PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Siero; CARNICEL, Amarildo (Org.). Holambra, SP: Editora Setembr; Campinas, SP:UNICAMP/CMU, 2007.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michael; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer e grupos sociais: concepções e métodos**. 2000. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

MELO, Zélia Maria de. Os estigmas da identidade social. 2005. Disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2010.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo : Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Vol. 4IV, p. 513-531, nov. 1997 – fev. 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2006. 132 p. (Coleção temas em saúde).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu Gomes. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Coleção temas sociais. 26 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. cap. 3, p.61-77.

PELISSER, Kelly Isis. **Pioneiro**, Caxias do Sul. 19 fev. 2009. Especial. P. 14-15. Divisão Municipal. Nova cara da cidade.

PEREIRA, Maria Eliza Mazzili; GIOIA, Sílvia Catarina. A ciência moderna institui-se: A transição para o capitalismo. In: ANDERY, M. A. *et al.* **Para Compreender a Ciência: Uma perspectiva histórica**. 12 ed. Rio de Janeiro : Garamond; São Paulo: EDUC, 2003. cap. 8, p.161-178.

PINHEIRO, Luciana Santos. Bases conceituais para uma política lingüística do português/italiano nas escolas: Caxias do Sul – RS. 2008. 106f. **Dissertação** (mestrado em letras e cultura regional). Programa de pós-graduação em letras e cultura regional. Universidade de Caxias do Sul.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 8 ago. 2008. Mulheres seguem no presídio:As prisões ocorreram no Vila Ipê. Disponível em:<  
<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&id=2104452&action=noticiasImpressa>> Acesso em: 18 nov. 2009.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 13 set. 2008. Tráfico: Três mulheres presas. Disponível em:  
<<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&id=2178902&action=noticiasImpressa>> Acesso em: 2 jul. 2009.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 19 set. 2008. Segurança. Em dia. Juíza cobra inauguração.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 11 jan. 2009. Segurança: Seis crimes diminuiram. Disponível em:  
<<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jrs/impressa/11.2773307.499.13888.impressa.html>> Acesso em: 13 jan. 2010.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 12 jan. 2009. Em dia: Jovem assassinado em Caxias. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&id=2364937&action=noticiasImpressa>> Acesso em: 23 jun. 2009.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 1 abr. 2009. Segurança: As 59 vítimas de assassinatos de 2009. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/busca/pioneiro/rs?c=-1&q=jussi%EA&t=2009>> Acesso em: 23 jun. 2009.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 7 jun. 2009. Vila Ipê: UBS sofre com ação de vândalos. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&id=1951239&action=noticiasImpressa>> Acesso em: 15 jun. 2009.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 23 dez. 2009. Repressão reduz criminalidade. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jrs/impressa/11.2757104.499.13783.impressa.html>> Acesso em: 13 jan. 2010.

PIONEIRO. Caxias do Sul, 10 maio 2010. Cidades. Pendência atrapalha construção de ginásio.

POLETTI, Rogério. Secretaria Municipal da Saúde – Prefeitura de Caxias do Sul /RS, 2008. Ações sobre posse responsável e censo de animais em um bairro – Vila Ipê - que teve alto número de atendimentos anti-rábicos humanos no ano de 2007, no município de Caxias do Sul / RS. Disponível em: <<http://www.sovergs.com.br/conbravet2008/anais/cd/resumos/R0640-1.pdf>> Acesso em 10 jun. 2009.

PORTELLA, Ana Paula. Violência Contra as Mulheres, Violência Estrutural e Violência Urbana: Conexões perversas. Centro Feminista de estudos e acessória. novembro/2005. Disponível em: <http://www.cfemea.org.br/violencia/artigosetextos/detalhes.asp?IDTemasDados=26>. Acesso em: 21 nov. 2009.

PREFEITO INOVADOR DO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL . MBC Movimento Brasil Competitivo. Vila Ipê e Galópolis recebem investimentos. 24 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.prefeitoinovador.com.br/Lists/SalaObras/DispForm.aspx?ID=360>> Acesso em: 27 abr. 2010.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Atualização em janeiro de 2009. Relação de loteamentos aprovados. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/novo\\_site/\\_uploads/planejamento/pesquisa\\_loteamentos.pdf](http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/_uploads/planejamento/pesquisa_loteamentos.pdf)> Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Atualização em janeiro de 2009. Bairros. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/novo\\_site/\\_uploads/planejamento/pesquisa\\_bairros.pdf](http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/_uploads/planejamento/pesquisa_bairros.pdf)> Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Mapa da Vila Ipê – Santa Fé. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/novo\\_site/\\_uploads/planejamento/mapa\\_d\\_9.pdf](http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/_uploads/planejamento/mapa_d_9.pdf)> Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Prefeitura promove ginástica orientada nos bairros. Disponível em: [http://www.caxias.rs.gov.br/novo\\_site/comunicacao/noticias\\_1er.php?codigo=6001](http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/comunicacao/noticias_1er.php?codigo=6001) Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Secretaria de Saúde. Serviços Prestados pelo SUS - UBS. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/novo\\_site/saude/programas.php?tipo=3](http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/saude/programas.php?tipo=3)> Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Secretaria do Esporte e Lazer. Projeto Ritmo e Movimento. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/novo\\_site/esporte\\_lazer/programas.php?tipo=4&programa=15](http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/esporte_lazer/programas.php?tipo=4&programa=15)>. Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Sistema Único de Informações. Disponível em: <<http://www.caxias.rs.gov.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. O município. Disponível em: <<http://www.caxias.rs.gov.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2009.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Notícias: Anunciada a construção do Complexo Esportivo Zona Norte e a revitalização do Municipal. 04 set 2008. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/noticias/noticias\\_1er.php?codigo=7428](http://www.caxias.rs.gov.br/noticias/noticias_1er.php?codigo=7428)>. Acesso em: 19 abr. 2010.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Notícias: Ordem de início do Complexo Esportivo Zona Norte será assinada neste sábado. 13 maio 2009. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/noticias/noticias\\_1er.php?codigo=8836](http://www.caxias.rs.gov.br/noticias/noticias_1er.php?codigo=8836)>. Acesso em: 19 abr. 2010.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Secretaria do Esporte e Lazer Secretaria do Esporte e Lazer. Apresentação. Disponível em: <[http://www.caxias.rs.gov.br/esporte\\_lazer/index.php](http://www.caxias.rs.gov.br/esporte_lazer/index.php)>. Acesso em: 01 jun. 2010.

PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO ESPECIAL. EMEF RUBEN BENTO ALVES. Caxias do Sul, 2008. 9p.

PULITA, Guilherme A. Z. Caxias do Sul, 17 abr 2010. BM assume e oferece regalias. Sistema prisional.. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/rs/imprensa/11,2875459,499,14518,imprensa.html>> Acesso em: 18 abr 2010.

RADIO VIVA. Caxias: Três mulheres são presas por tráfico de drogas. Disponível em: <<http://www.radioviva.com.br/viva890/noticia.php?noticia=28964>> Acesso em: 21 out. 2008.

RECRIA. Associação Centro de Promoção do Menor Santa Fé – ACPMEN.

Disponível em:

<[http://www.recria.org.br/quemcompoe/naogovernamentais/acpmen/index\\_html/view?searchterm=vila%20ip%C3%AA](http://www.recria.org.br/quemcompoe/naogovernamentais/acpmen/index_html/view?searchterm=vila%20ip%C3%AA)> Acesso em: 28 jun. 2009.

RECRIA. Centro Assistencial e de Promoção Social Joana d'Arc. Disponível em:

<<http://www.recria.org.br/quemcompoe/naogovernamentais/capsjoana>> Acesso em: 28 jun. 2009.

RECRIA. Centro Assistencial Vó Juvelina. Disponível em:

<<http://www.recria.org.br/quemcompoe/naogovernamentais/folder.2009-06-04.4241901924>> Acesso em: 28 jun. 2009.

RECRIA. Rede de Atenção à Criança e ao Adolescente de Caxias do Sul. Disponível em: <<http://www.caxias.rs.gov.br/fas/site/texto.php?codigo=3>> Acesso em: 13 jun. 2009.

RISTUM, Marilena; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **A violência urbana e o papel da mídia na concepção de professoras do ensino fundamental**. In: Revista Paidéia. VOLUME 13 - N° 26, 2003. Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/26/06.htm>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2010.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. São Paulo : Expressão Popular, 2007.

SARTORI, Tríssia Ordovás. Pioneiro, Caxias do Sul, 10 jan. 2009. Jovem é assassinado no Vila Ipê: Rapaz foi atingido ao sair de casa. Geral. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&id=2364085&action=noticias> Acesso em: 18 nov. 2009.

SILVA, Jailson de Souza e. Periferia. p. 229-230. In: **Palavras chave em Educação não-formal**. PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Siero; CARNICEL, Amarildo (Org.). Holambra, SP: Editora Setembr; Campinas, SP:UNICAMP/CMU, 2007, p.294.

SOUZA, Silvana Aparecida de. Educação, trabalho voluntário e responsabilidade social da empresa: “amigos da escola” e outras formas de participação. **Tese** (Doutorado – Área de concentração: Estado, Sociedade e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2008.

SUASSUNA, Dulce Maria Figueira de Almeida. Políticas públicas para o esporte e o lazer no Brasil (1996-2005). Publicado em 11.09.2007.

Disponível em: <<http://observatoriodoesporte.org.br/politicas-publicas-para-o-esporte-e-o-lazer-no-brasil-1996-2005/>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo : Atlas, 2008. 175p.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência dos municípios Brasileiros 2008**. Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana, RITLA. Instituto Sangari. Ministério da Saúde. Ministério da Justiça, 2008.

ZORZI, Isidoro. Política e administração pública – evolução administrativa. Banco de memória do arquivo histórico municipal João Spadari Adami, Caxias do Sul/RS, 28 dez. 2001. Entrevista concedida a Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

---

Pesquisador responsável: Liliane Nobre Lima

Instituição: Escola Superior de Educação Física - Universidade Federal de Pelotas  
Endereço: Rua Luís de Camões, 625 - Bairro Três Vendas - CEP: 96055-630 - Pelotas/RS

Telefone: (53)3273-2752

---

Concordo em participar do estudo *“Lazer, violência e estigma: Estudo dos jovens do Vila Ipê”*.

Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

**PROCEDIMENTOS:** Fui informado de que o objetivo geral será *“Investigar a realidade dos jovens no Vila Ipê, suas opções de lazer e as influências causadas pelo estigma que foi construído sobre ela, de lugar violento”*, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa.

**RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES:** Fui informado de que não existem riscos no estudo.

**BENEFÍCIOS:** O benefício de participar desta pesquisa refere-se ao fato de que os resultados da mesma serão publicados, através da dissertação e de artigos científicos que contribuirão para uma melhor compreensão da realidade vivida pelos jovens no Vila Ipê de Caxias do Sul.

**PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA:** Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

**DESPESAS:** Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

**CONFIDENCIALIDADE:** Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

**CONSENTIMENTO:** Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: \_\_\_\_\_

Identidade: \_\_\_\_\_

ASSINATURA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR:** Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53)3273-2752.

**APÊNDICE B – Questionário aplicado aos jovens do loteamento Vila Ipê****QUESTIONÁRIO****Dados de identificação:****Idade:** \_\_\_\_\_**Sexo:** ( ) Feminino ( ) Masculino**Escolaridade:** \_\_\_\_\_**Bairro que mora:** \_\_\_\_\_

1) Que atividades você faz em seu tempo livre (lazer)? Faça uma lista por ordem de preferência.

1- \_\_\_\_\_

2- \_\_\_\_\_

3- \_\_\_\_\_

4- \_\_\_\_\_

5- \_\_\_\_\_

2) Quais das atividades citadas anteriormente são realizadas em seu bairro?

---

---

---

---

---

3) As atividades que você realiza são por sua escolha ou por falta de outras opções? Justifique a sua resposta.

---

---

---

---

---

4) O seu bairro oferece atividades físicas e de lazer, como ginástica, dança etc. Se sim cite algum:

---

---

---

---

---

5) Quais os espaços existem em seu bairro para praticar atividades físicas e de lazer?

---

---

---

---

---

6) Quais os espaços de atividades físicas e de lazer o seu bairro oferece, em feriados e finais de semana?

---

---

---

---

---

## **APÊNDICE C – Roteiro de entrevista para os jovens do loteamento Vila Ipê**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS JOVENS DO LOTEAMENTO VILA IPÊ**

**Data, dia, local.**

#### **I – Dados de identificação**

1.1 Nome:

1.2 Idade:

1.3 Local onde mora:

#### **II – Dados sobre o viver no Vila Ipê**

2.1 Você mora no loteamento Vila Ipê a quanto tempo?

2.2 Seus pais já moravam aqui, ou vieram de outro lugar? (Se vieram, a quanto tempo estão no loteamento?)

2.3 Você gosta de viver no Vila Ipê? Por quê?

#### **III – Dados de descrição do loteamento**

3.1 Como você descreveria o Vila Ipê?

3.2 O que você mais gosta no loteamento? Por quê?

3.3 O que você menos gosta no loteamento? Por quê?

3.4 O que você acha que precisa ter ou melhorar no loteamento?

#### **IV - Dados sobre a rotina no Vila Ipê**

4.1 Qual a sua rotina?

4.2 Qual a sua rotina no loteamento?

#### **V - Dados sobre a Escola**

5.1 Atualmente você está freqüentando a escola?

5.2 Qual escola?

5.3 Qual série ou ano você freqüenta?

5.4 Qual seu turno de estudo?

5.5 Qual as suas atividades no turno contrário ao da escola?

[Para aqueles que atualmente não freqüentam a Escola do loteamento]

5.7 Você estudou na Escola do loteamento?

5.8 O que achava da escola?

5.9 A partir da sua percepção, qual a importância da Escola Ruben Bento Alves para o loteamento?

#### **VI – Dados sobre atividades de lazer**

6.1 Que atividades você faz em seu tempo livre (lazer)?

6.2 Das atividades que você realiza fora de casa, quais delas são no loteamento?

6.3 As atividades que você realiza são por sua escolha ou por falta de outras opções? Por quê?

6.4 Que atividades o seu loteamento oferece?

6.5 Quais atividades você acha que deveria ter no loteamento?

#### **VII – Dados sobre os espaços de lazer**

7.1 Quais os espaços existem no Vila Ipê para praticar atividades físicas e de lazer?

7.2 O que você acha que deveria ter de espaços no loteamento para atividades físicas e de lazer?

#### **VIII – Dados sobre a visão externa do loteamento**

8.1 Quando você está fora do loteamento, o que você mais ouve falar sobre ele?

8.2 Quando você tem acesso a jornais ou outros meios de comunicação e falam sobre o loteamento, que tipo de notícias são veiculadas?

#### **IX – Dados sobre a violência**

9.1 Você acha que o Vila Ipê é um local violento? Por quê?

9.2 Você já presenciou alguma forma de violência no Vila Ipê? Se sim, pode descrevê-la?

9.3 Sempre que se fala no Vila Ipê fora do loteamento, se percebe que as pessoas em sua maioria o relacionam sempre com a violência que existe, o que você acha disso?

9.4 Você percebe essa violência exagerada?

9.5 O que influencia na sua vida o Vila Ipê carregar este estigma de violência?

## **ANEXOS**

# ANEXO A: Mapa do loteamento Vila Ipê

